



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

FERNANDO SILVA DA CRUZ

**O USO DO DICIONÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Campo Grande/MS

2016

FERNANDO SILVA DA CRUZ

**O USO DO DICIONÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

Campo Grande/MS

2016

Para meus pais, Ilva Maria (in memoriam) e Pedro Paulo, responsáveis por eu ter chegado até aqui e por tudo que de melhor tenho a oferecer às pessoas na vida.

Para minha família, minhas tias corujas, irmã e sobrinhos, em especial, que sempre me amaram e me apoiaram nas minhas escolhas.

Para Ana Paula, minha professora orientadora, que com dedicação maternal me ensinou docemente o caminho para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força maior do Universo.

Aos amigos verdadeiros que, direta e/ou indiretamente, mais uma vez, me ajudaram, para que eu pudesse usufruir de mais esta conquista em minha vida.

Aos queridos professores, todos por quem passei, desde a Educação Infantil até o Mestrado, que contribuíram com a minha trajetória pessoal e, em especial, profissional.

Aos alunos e ex-alunos, renovadores do meu amor pelo magistério;

Aos funcionários da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela sempre presteza em me atender, em especial às Professoras Doutoras Leda Maria e Adriana Chaves, pelas sugestões na ocasião do Exame de Qualificação;

À CAPES, pela bolsa de estudos que me oportunizou cursar o Mestrado Profissional em Letras.

“A palavra é a pedra de toque
da linguagem humana.”

Maria Tereza de Camargo Biderman

C962o Cruz, Fernando Silva da

O uso do dicionário no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa/ Fernando Silva da Cruz – Campo Grande, MS: UEMS, 2016.

104f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Paula Tribesse Patrício Dargel.

1. Léxico 2. Vocabulário 3. Língua portuguesa – ensino e aprendizagem 4. Lexicografia didático-pedagógica I. Título

CDD 23. ed. - 469.3

FERNANDO SILVA DA CRUZ

**O USO DO DICIONÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
(Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques - Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Profa. Dra. Maria Leda Pinto - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS

2016

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	8
RESUMO	9
INTRODUÇÃO	12
1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
1.1 Léxico e vocabulário.	16
1.2 Lexicologia e Lexicografia.....	23
1.3 Dicionário e ensino.....	25
2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
3 - ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADES	33
3.1 Do ponto de vista do aluno.	33
3.2 Do ponto de vista do professor.	38
3.3 Das atividades aplicadas em sala de aula.	44
3.4 Atividades com o dicionário em sala de aula.	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	96
Anexo I – Perfil da escola.....	96
Anexo II – Entrevista com os alunos.....	98
Anexo III – Entrevista com os professores.....	100
Anexo IV – Ficha do professor.....	103

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Resultado da entrevista com o aluno..... 32

QUADRO II – Resultado da entrevista com o professor 38

RESUMO

Este trabalho mostra que há necessidade de um espaço maior para o estudo do léxico, na perspectiva do ensino-aprendizagem de vocabulário, por intermédio do uso do dicionário nas aulas de Língua Portuguesa da Rede Pública de Ensino, mais especificamente nas séries finais do Ensino Fundamental. Para tanto, foram feitas entrevistas com alunos e dois professores dessa etapa de ensino, como forma de averiguar se há problemas relacionados ao ensino-aprendizagem de vocabulário e as suas causas. Baseando-nos nas observações feitas, a intenção seguinte foi apresentar aos professores embasamento teórico para que o docente se apodere do dicionário em suas aulas, de forma eficaz e abrangente, com vistas ao desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à aprendizagem da língua materna no âmbito da comunicação humana, por meio de atividades, envolvendo o gênero textual música, mais especificamente a Música Popular Brasileira – MPB. Foram utilizadas, além das entrevistas, a exposição e discussão de princípios básicos da Lexicologia e Lexicografia, com reflexões voltadas aos conceitos de léxico e vocabulário e dicionário e ensino, numa abordagem interacional de conteúdos de Língua Portuguesa sem perder de vista o que é preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais da disciplina. As atividades apresentadas após as observações pretendem ser apenas um pontapé inicial para que o professor utilize o dicionário, explorando-o de forma adequada, sem deixar de lado a função principal desse instrumento didático-pedagógico que é a de fornecer informações sobre as unidades lexicais. As constatações feitas neste trabalho vão ao encontro da necessidade de se elaborarem propostas pedagógicas para subsidiar o professor no ensino do vocabulário.

Palavras-chave: léxico; vocabulário; ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa; Lexicografia didático-pedagógica.

ABSTRACT

This work we intend to show that there is a need for a larger space for the study of the lexicon, in the perspective of teaching-learning vocabulary, through the use of the dictionary in the Portuguese Language classes of the Public Teaching Network, more specifically in the final series of Teaching Fundamental. For this, interviews were conducted with two teachers and students from this stage of teaching, as a way of ascertaining if there are problems related to teaching-learning vocabulary and its causes. Based on the observations made, the following intention was to present to the teachers the theoretical basis for the teacher to take over the dictionary in their classes, in an effective and comprehensive way, with a view to developing the skills and abilities necessary to learn the mother tongue in the scope Of human communication, through activities, involving the textual genre of music, more specifically Brazilian Popular Music - MPB. In addition to the interviews, we used the exposition and discussion of basic principles of Lexicology and Lexicography, with reflections focused on the concepts of lexicon and vocabulary and dictionary and teaching, in an interactive approach of Portuguese Language contents without losing sight of what is recommended in the National Curricular Parameters of the discipline. The activities presented after the observations are intended to be just a kick-start for the teacher to use the dictionary, exploring it properly, without neglecting the main function of this didactic-pedagogical tool that is to provide information on the lexical units. The findings made in this paper meet the need to elaborate pedagogical proposals to subsidize the teacher in vocabulary teaching.

Key words: *lexicon; vocabulary; teaching and learning of Portuguese Language; didactic-pedagogical lexicography.*

INTRODUÇÃO

A origem deste trabalho está na experiência deste pesquisador como professor de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, mais especificamente do 6º ano, da Rede Estadual de Ensino de Corumbá-MS, em relação a práticas de leitura e escrita, durante as aulas de Língua Portuguesa, por meio do uso de um dos instrumentos de registro linguístico mais importantes e eficazes no processo de ensino e aprendizagem: o dicionário. Embora se reconheça o papel do dicionário em sala de aula, é sabido que esse recurso didático ainda não se faz tão frequente como merecia estar nas aulas de Língua Portuguesa e nem de outras disciplinas¹ e, quando utilizado, o dicionário serve apenas como um documento em que o aluno procura, sem a devida orientação, o significado de uma determinada palavra.

Nesse sentido, há a preocupação de se revelar neste trabalho que se o aluno for orientado pelo professor a manusear e a explorar o dicionário, ele o fará e, assim, ampliará continuamente seu conhecimento lexical. Para tanto, o arcabouço teórico que subsidiou a pesquisa envolveu conceitos teóricos sobre léxico, vocabulário, dicionário e ensino, bem como das ciências que se ocupam do estudo das línguas. Além disso, foi elaborado, anteriormente à intervenção didática, um *corpus* básico composto por letras da Música Popular Brasileira (MPB), mais especificamente de cantores e compositores a cujas obras nem todos os alunos têm acesso. Desse *corpus* selecionamos os vocábulos utilizados nas atividades aplicadas ao educando do ensino básico.

A partir do estudo do vocabulário² e da compreensão global do texto, o aluno procede à análise, à reflexão da língua, à escrita e à reescrita de texto de sua autoria. Isso faz com que o aluno, além de compreender o universo musical apresentado a ele neste trabalho, explore a riqueza do léxico da língua, enriqueça seu conhecimento a respeito do vocabulário, exercite a leitura e a produção escrita, além de ampliar seu repertório da cultura.

¹ A princípio, esse conhecimento foi empírico, mas, no decorrer da pesquisa, foi comprovado por intermédio da aplicação dos instrumentos anexos (DARGEL, 1999) ao aluno e ao professor.

² O estudo do vocabulário começou com o aluno indicando as palavras desconhecidas por ele e da pesquisa delas no dicionário, após receber as orientações do professor a respeito do manuseio desse recurso didático. Posteriormente, em busca da ampliação lexical do aluno, o professor aplicou exercícios de vocabulário previamente elaborados para a fixação do vocabulário presentes nos textos e das possíveis relações e construções possíveis de serem criadas. Esses exercícios contemplam tanto aspectos morfológicos quanto relações semânticas da língua portuguesa.

A escola onde foi desenvolvido o trabalho é a Escola Estadual Octacílio Faustino da Silva, que está localizada em uma comunidade carente da cidade de Corumbá-MS. Os alunos dessa escola têm apresentado em testes do Estado baixo rendimento em Língua Portuguesa, principalmente no que diz respeito à escrita, ao acervo lexical individual e à análise textual. As músicas usadas neste trabalho surgiram como uma opção a mais no repertório musical dos estudantes, unindo-se a outros estilos musicais também importantes como o sertanejo, o pagode e o *funk*.

Neste sentido, objetivamos³ ampliar o repertório cultural do aluno, que também é um papel da escola. O uso do dicionário nas aulas de Língua Portuguesa e o desenvolvimento de habilidades e competências da leitura e da escrita foram, neste contexto, foram um meio para apresentar ao aluno o mundo da MPB⁴ clássica, contribuindo, desse modo, com o desenvolvimento de capacidades linguísticas fundamentais do estudante pelo uso adequado e, portanto, eficaz do dicionário.

Ensinar a utilizar o dicionário, ampliar o conhecimento de vocabulário do aluno e melhorar sua produção textual oral e escrita, neste contexto, tornam-se metas a serem buscadas de forma consistente, sabendo-se que à escola cabe, em especial nas aulas de língua materna, levar o aluno a apreciar as palavras, desmitificá-las, lapidá-las, trazê-las para perto de si, tornando-as íntimas do aluno no processo de comunicação. É escrevendo *na escola* e não *para a escola* que o aluno, por intermédio do professor, perceberá que as palavras, muitas vezes “inimigas” na infância durante o aprendizado inicial da escrita, são matérias-primas de grande valor no desenvolvimento do ser, com seus usos e sentidos reais e figurados, formais e informais, amplos e delimitados; enfim, nos mais diversificados contextos em que elas (as palavras) possam figurar como sujeitos do conhecimento construído, da expressão do eu e das construções sociais das quais o ser humano faz parte no âmbito da linguagem.

Nesse sentido, a escola é um importante espaço de (re)construção, de reflexão e de empreendimentos de ações concretas e pontuais que irão culminar na aprendizagem significativa dos alunos, tendo o professor como indispensável mediador do processo, e ao qual cabe conhecer, diagnosticar, formular e instigar o educando na busca do conhecimento,

³ Na maioria das vezes, usamos a primeira pessoa do plural na redação do texto deste trabalho, porém, em alguns momentos, a pessoa utilizada é a primeira do singular. Essa sugestão foi dos membros da banca de qualificação que consideraram que o pesquisador é o professor que executa a intervenção na escola de ensino básico.

⁴ Diferentemente de Dargel (2011, p. 222), que orientou que primeiro sejam trabalhados textos do universo adolescente para depois se chegar a textos mais complexos, escolhemos começar com textos clássicos da música popular brasileira porque entendemos que o aluno, ao conhecer o contexto da elaboração da obra e ao manusear de maneira correta o dicionário, terá proximidade e facilidade na compreensão textual.

em especial, o da língua, percebendo-se que falar a língua portuguesa vai além do simples ato comunicativo, mas é uma habilidade que se desenvolve com treinos, pesquisas, análises e práticas comuns a estas e que podem e devem acontecer na sala de aula com ferramentas acessíveis e atividades simples.

O aluno já possui um grande repertório de palavras, por conta de suas experiências comunicativas desde a infância e, assim, levamos em conta aqui a necessidade de ampliação desse conhecimento, por intermédio de reflexões sobre os usos significativos das palavras em contextos diversos. Nesse aspecto, somos levados a crer que a aquisição vocabular merece ser estimulada com a execução de atividades que vão desde a busca pelos significados de uma palavra até a utilização desta em situações de usos diferentes da analisada no texto motivador, não deixando de lado as demais informações sobre a palavra como oposição e extensão de sentido, trazidas pelo dicionário. Além disso, a partir da exploração de uma ou mais palavras⁵ norteadoras, nos textos, ao aluno devem ser apresentadas outras palavras e suas aplicações e contribuições para a compreensão e produção textual.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p. 22),

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Assim, o dicionário é uma ferramenta essencial nesse processo, tendo em vista as informações trazidas nele para os vocábulos, e que dão ao aluno noção das possibilidades de usos significativos que as palavras da língua apresentam para nós, adquirindo, desta forma, a competência necessária para utilizar a variedade que o léxico oferta a nós para a comunicação da melhor forma possível.

Entendemos que o texto é o ponto inicial de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa e, por esse motivo, o estudo do vocabulário está sempre a serviço do texto para, só depois dele, serem feitas as extrapolações. A palavra, neste sentido, é a mola-mestra da compreensão global do texto em questão, o item que desencadeará a compreensão necessária para se perceber a ideia central e que permitirá ao leitor imaginar outras figurações possíveis para a palavra analisada e para outras tantas possíveis, estejam elas presentes no texto estudado ou em outros que circulem no mundo comunicativo do educando.

⁵ Tendo em vista a complexidade da definição do termo *palavra*, preferimos não discutir essa questão terminológica por consideramos que este texto terá melhor resultado se for acessível ao professor do ensino básico. Entretanto, *vide* capítulo teórico a respeito de informações sobre lexias simples, compostas e complexas.

Considerando-se que, em princípio, hipoteticamente, havia ausência de atividades sistemáticas com o dicionário nas aulas de Língua Portuguesa, realizamos um diagnóstico na escola em que foi desenvolvida a intervenção didática para comprovar a necessidade de se oferecer ao aluno um estudo sistemático de vocabulário intermediado pelo uso do dicionário.

É dentro dessa perspectiva que este trabalho apresenta exercícios para o ensino e aprendizagem de vocabulário que propiciem ao aluno do Ensino Fundamental II a ampliação de conhecimento lexical. Para tanto, partimos de textos não conhecidos pelo aluno no início, mas que passaram a fazer parte da história dele desde o momento em que ele entrou em contato com o material e que percebeu ali palavras que ocorrem em situações comunicativas presentes no seu dia a dia, na maioria das vezes, ou que começaram a fazer parte da vida naquele momento.

Este trabalho tem como alicerces teóricos os princípios da Lexicologia e da Lexicografia Pedagógica e Didática. No decorrer deste trabalho não se perderá de vista que o estudo da palavra se faz necessário por ela ser a geradora de sentido de um texto. Nessa perspectiva, tivemos o objetivo de apresentar uma proposta com atividades sobre o ensino e aprendizagem de vocabulário intermediado pelo uso do dicionário como recurso didático apropriado a propiciar resultados satisfatórios, ou seja, a ampliação do conhecimento lexical do aluno do ensino básico.

A seguir, no Capítulo I, apresentamos os pressupostos teóricos que subsidiaram a análise dos questionários e a elaboração das atividades propostas como produto deste trabalho. O Capítulo II foi destinado à apresentação dos procedimentos metodológicos. Já no Capítulo III, mostramos os questionários aplicados ao aluno e ao professor com as respectivas análises. Além disso, estão neste capítulo as atividades propostas, dentre elas, 4 (de 01 a 04), aplicadas durante a intervenção didática com nossa análise sobre a reação do aluno, resultados e também a respeito da importância da mudança de perspectiva deste professor/pesquisador quanto ao uso do dicionário em sala de aula. Na sequência, estão as considerações finais, referências e anexos.

CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 – Léxico e vocabulário

A ampliação do conhecimento lexical do aluno aconteceu por intermédio do estudo do vocabulário do texto, mais especificamente de letras de algumas músicas da MPB, selecionadas a partir de experiências pessoais deste autor. A princípio, para melhor compreensão da proposta, faz-se necessário as definições de léxico e vocabulário. Para Dubois (1997, p. 364), léxico “designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc”; ao passo que “o vocabulário de um texto, de um enunciado qualquer da *performance* é, desde então, apenas uma amostra do léxico do locutor (...)”.

Já Antunes (2012, p. 27), entende que o léxico de uma língua, numa definição mais generalizada, “pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto dos itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação (...)”; enquanto que o vocabulário é “a realização propriamente dita desse léxico em textos”.

Dessa forma, ambos, o léxico e o vocabulário, são elementos que se complementam entre si, uma vez que nas atividades desenvolvidas em sala de aula com o aluno do ensino básico⁶, exploramos o repertório do falante, trazido de sua vivência oral e o ampliamos por meio das novas descobertas e das confirmações de informação a que os alunos tiveram acesso no contato com o dicionário. É como se a memória lexical do aluno fosse (re)ativada, fazendo com que este se depare com situações de uso da língua que lhe são comuns e outras que nem tanto, formando-se, assim, um repertório próprio que dará ao falante a oportunidade de entender e se fazer entender da melhor forma possível nas diversas situações de comunicação das quais o usuário da língua participa direta ou indiretamente.

Em diferentes momentos, neste trabalho, nos depararemos com termos diversos referentes ao nosso objeto de estudo: a *palavra*. Por esse motivo, vamos aqui fazer umas reflexões sobre. Começamos pela forma como a chamamos. Entre léxico e vocabulário, há o conceito conturbado dentro da terminologia linguística para palavra, vocábulo e lexias ou unidades

⁶Vide último capítulo deste trabalho.

lexicais. Pensando nisso, verifiquemos o que Biderman (1998) postula sobre “a palavra”. A autora nos leva a três dimensões que conferem a ela (a palavra) o *status* devido: a religiosa, a cognitiva e a linguística. De acordo com essa autora, a dimensão religiosa é conferida à palavra desde a criação do mundo narrada pela Bíblia cristã, embora antes de Cristo, as tradições religiosas já conferissem à palavra *status* de poder, como se pode verificar nas relações religiosas e do Egito Antigo, no qual as pessoas da época recebiam dois nomes: um que era para a vida pública da pessoa e outro, secreto, que guardava a “força” do ser, sendo esse nome sagrado. Mais tarde o cristianismo reafirma a força criadora e transformadora da palavra por intermédio das parábolas contadas por Jesus, que conferiam a Ele autoridade e divindade. Em algumas passagens, inclusive, é a “palavra” de Cristo que ressuscita seguidores e salva outros de serem apedrejados em praça pública, desfazendo regras da época.

Biderman reforça essa dimensão citando a passagem do evangelho de São João(1, 1-5,14), quando este diz; “No início era o Verbo, e o Verbo estava no início voltado para Deus. Tudo se fez por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Já a dimensão cognitiva da palavra surge da necessidade de nomeação das coisas e seres que nos rodeiam, como se as palavras fossem certidões de registro que oficializassem os elementos do mundo. Ainda de acordo com Biderman, baseada na teoria do neurolinguista Lenneberg, essa nomeação ocorre resultante de um processo de categorização, ou seja, de uma classificação das coisas, feita pelo ser humano. Essa classificação acontece de acordo com a capacidade de percepção que o homem tem sobre as coisas, o que indica que, por trás dessa categorização, está a manifestação individual e social, criadores de cultura. Portanto, a nomeação dos seres representa os pensamentos, sentimentos e ações humanas – todas percepções que constroem os valores que estão presentes na cultura de um grupo. Por ser (a nomeação) resultado de tudo isso, pode-se dizer que a semântica da língua é anterior à categorização, o que comprova o forte caráter representativo da palavra. É nesta perspectiva que o léxico “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Assim a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.” (BIDERMAN, 1998, p. 91).

A terceira e não menos importante constituição da palavra se dá pela sua dimensão linguística, que é baseada no signo linguístico. Este signo é uma herança da língua, o que

significa dizer que, mesmo com a instabilidade dela, alguém, em algum momento da história, utilizou a palavra, institucionalizando-a. Dessa forma, o signo é imutável, podendo, em parte, ser alterado pelas transformações culturais. O valor linguístico de uma palavra reside nas relações semânticas que ela estabelece com as outras, definindo semelhanças e oposições, tornando cada signo único, com características próprias e valores invioláveis.

Essas três dimensões em que a palavra se apresenta é que dão a ela a importância incontestável nas interações humanas, decorrentes das formas de comunicação exercidas pelo homem. Seja no aspecto religioso, cognitivo ou linguístico, é do homem que a palavra brota e é a ele que ela retorna, definindo as mais diferentes formas de existência do ser e, portanto, tornando-se a mola mestra do aprendizado da língua.

Sabendo-se dessa complexidade com que as palavras se comportam na nossa prática comunicativa, levaremos em conta o conceito de *lexia*, usado por Pottier (1974, p. 266-267), e contemplado por Biderman. Resumidamente, as palavras, para ele, são resultados de combinações, organizando-se, assim, da seguinte forma: a *lexia* simples, que pode ser uma palavra; a *lexia* composta, que é formada por palavras integradas, ligadas por hífen⁷; a *lexia* complexa, em que se encaixam sequências estereotipadas, expressões; e a *lexia* textual, em que se encaixam expressões proverbiais.

Com base nesses conceitos, podemos dizer que práticas superficiais de estudo do vocabulário de um texto não têm sentido quando não se leva em conta o léxico da língua apresentado pelo falante em sua individualidade, reflexo de suas experiências dentro e fora da escola. Neste contexto, é importante que o professor primeiramente conheça o universo da lexicologia⁸, sabendo que esta está ligada a outras áreas da língua como a semântica e a morfologia, dentre outras, é claro; estabelecendo as relações necessárias ao bom direcionamento e à correta sistematização do ensino durante as aulas.

É imprescindível, dessa forma, que o professor seja um mediador preparado para o direcionamento das estratégias de estudo do vocabulário do texto na medida em que o aluno vai incorporando ao seu mundo as informações novas de forma eficiente e aprimorando aquelas que já traz, com foco no desenvolvimento da sua competência leitora e escritora, e ainda ampliando suas habilidades quanto à compreensão crítica do que se lê.

⁷ Lembrando que nem todas compostas têm hífen na Língua Portuguesa, após a reforma ortográfica.

⁸ Sem esquecer da Lexicografia, principalmente a pedagógica e a escolar. Lembrando-se que hoje no Brasil as questões de dicionário e ensino estão relacionadas ao ramo denominado Lexicografia Pedagógica.

O léxico de uma língua é, portanto, resultado do conhecimento construído ao longo da história. Por ser atrelado à língua, é inconstante, variável e pode sofrer alterações a qualquer momento, permitindo-se reformular, reinventar, reordenar, a fim de atender às necessidades interacionais da comunicação humana. Enquanto a gramática, em sua norma padrão, resiste a mudanças temporais e sociais, o léxico de uma língua é um sistema mais aberto, de certa forma democrático, que atende a uma gama maior de adequações, conforme a necessidade de uso. Neologismos, estrangeirismos, gírias são fenômenos linguísticos que comprovam o que aqui está posto. Como disse Caetano Veloso, “O que quer, o que pode essa língua?”. De fato, a língua “quer” sempre mais e “pode”, pois ela, por intermédio do seu léxico, dignifica o homem enquanto ser nascido para se comunicar consigo mesmo e com o outro. Antunes (2012, p. 29) afirma que o léxico assim se comporta “não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam”.

Essa complexidade de domínio do léxico reforça-se quando levamos em conta que a palavra possui aspectos morfosintáticos e semânticos, desencadeados nas situações textuais em que se encontra, formadoras das relações de sentido existentes entre as palavras. Dentre elas, podemos destacar a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, a paronímia e a associação semântica.

A sinonímia é a relação de semelhança de sentido entre os vocábulos. Semelhança essa que ora é usada para evitar repetições dentro de um texto, dando progressão e coesão a ele, ora para estabelecer relações mais próximas das palavras com a intenção do falante. Já a antonímia é basicamente a relação oposta de sentido entre palavras, no sentido de uma palavra representar o contrário da outra, seja para reforçar contrastes, seja para ironizar ou para estabelecer os mais diversos valores morais aos vocábulos. Outra relação de sentido estabelecida pelos vocábulos é a hiperonímia que, na verdade, nada mais é do que um termo mais geral que representa significativamente uma classe ou grupo, sabendo que essa classe, por sua vez, representa uma organização cultural criada pelo ser humano para designar as coisas e os seres. Os hiperônimos possuem seus hipônimos, cujas características os fazem pertencer a este ou àquele hiperônimo.

A paronímia vincula uma palavra a outra por meio da relação parte-todo, relação esta, complexa, criada pelo ser humano, que envolve o conhecimento do léxico de uma língua e conhecimento sobre a forma como os seres e coisas são organizados no universo das experiências das pessoas. Por último, a associação semântica, que nasce da proximidade de

sentido existente entre palavras, independente de serem sinônimas, antônimas, hiperônimas ou hipônimas; isto porque, no plano da linguagem, as palavras associam-se direta ou indiretamente, de acordo com a percepção de mundo, formando uma grande coesão das percepções que temos sobre o mundo.

Sobre a aquisição lexical, Morgan e Rinvolucrí (2004, p. 7) destacam alguns aspectos a serem levados em conta quando do ensino e da aprendizagem do léxico. Desta forma, a aquisição lexical é:

(1) *um processo mais bifurcado que linear*. A aprendizagem das palavras se dá de forma associativa, ou seja, os sentidos que as palavras têm e adquirem vão sendo conhecidos conforme as ligações que umas têm com as outras, o que significa dizer que não existe um só sentido, um só significado para a palavra;

(2) *um processo profundamente pessoal*. O repertório de palavras e seus significados é resultado das relações interpessoais desenvolvidas com o passar do tempo pelos falantes da língua.

(3) *não é um processo pessoal puro e simples, mas também um processo baseado na experiência e no esforço pessoal*. O falante da língua só interioriza as palavras (e depende muito dele) dentro de um processo de troca de conhecimento. Quando a situação de uso for muito intelectual, a assimilação fica menos concreta. (MORGAN e RINVOLUCRÍ, 2004, p. 7)

O ensino do léxico desperta interesse a partir de o momento em que as palavras ocorrem na interação com o outro, aguçando a curiosidade e criando a necessidade de se entender o interlocutor e de se fazer entender. Por mais que nos comunicamos por palavras a todo momento, sabemos que ainda desconhecemos um grande número de vocábulos e seus significados, e só interiorizamos palavras quando estamos em situações concretas de uso. Assim, podemos dizer que a ampliação do vocabulário do aluno depende do seu acesso ao léxico da língua e, principalmente, da forma como ocorre esse acesso (uso, troca, contexto), ou seja, as situações de usos reais é que formarão o repertório do falante e estabelecerão a qualidade dele.

Ainda se tratando de aquisição do vocabulário e ampliação do léxico, para Leffa:

De um lado, temos o ensino com ênfase no material que deve ser preparado e oferecido ao aluno. São os aspectos externos, valorizando o input. Nessa área, destacam-se os estudos sobre frequência, dicionários de aprendizagem, linguística de corpus e uma tipologia específica de exercícios. Do outro lado, temos o ensino

com ênfase no que o aluno deve fazer para adquirir e ampliar o vocabulário. São os aspectos internos, valorizando as estratégias. Destacam-se aí a questão da profundidade de processamento, a necessidade de respeitar os estilos de aprendizagem, etc. (LEFFA, 2000, p. 23)

No que diz respeito aos aspectos internos, Leffa ressalta que o conhecimento de uma palavra implica conhecer as relações paradigmáticas, os sentidos reais e figurados e o contexto situacional, e diferencia a aprendizagem incidental da aprendizagem intencional. A aprendizagem intencional, segundo Leffa, é a aprendizagem inicial, ou seja, o período em que as palavras são apresentadas ao aluno pelo professor, ao passo que a aprendizagem incidental é um processo que acontece posteriormente, também segundo o mesmo autor, quando o aluno já possui de 3.000 a 5.000 palavras em seu vocabulário. Nesse momento, as inferências no processo de leitura é que vão definindo esse segundo nível de aprendizagem.

Leffa (2000, p. 42) credita vantagens à influência da aprendizagem incidental no ensino do vocabulário, dentre elas o caráter contextualizado, a possibilidade de desenvolvimento de duas capacidades: a de conhecimento do léxico e a de desenvolvimento da capacidade leitora, e a subjetividade na escolha do texto; mas deixa claro que esta depende também de vários fatores, dentre eles os referentes ao uso de expressões idiomáticas, o que indica que ela possui suas limitações. Em relação à aprendizagem intencional, sabe-se que não se aprende o léxico estudando verbetes de dicionários, mas por intermédio de diversas estratégias, tais como a aquisição de palavras novas dentro de um contexto significativo, ou melhor dizendo, por meio dos usos diversos que a palavra pode ter nas situações de comunicação. Nesse sentido, para Leffa,

Três coisas precisam ser selecionadas para que o desenvolvimento do léxico em uma língua ocorra de modo adequado e suficiente: (1) seleção do vocabulário a ser aprendido; (2) seleção dos textos a serem usados; e (3) seleção das estratégias a serem empregadas. Vocabulário e texto andam sempre juntos, atrelados a uma determinada área de conhecimento; um texto sobre química não vai usar o vocabulário das ciências sociais. Fazem parte dos aspectos externos da aquisição lexical. Já as estratégias são mais universais e podem ser aplicadas com pouca ou nenhuma alteração a qualquer área de conhecimento; o que se faz para adquirir o vocabulário da geologia não é muito diferente do que deve ser feito para aprender o vocabulário da matemática. As estratégias compõem a parte interna da aquisição lexical. (LEFFA, 2000, p. 42).

Portanto, são os usos das palavras, que são direcionados pelos falantes da língua, que ampliam o vocabulário pessoal e, conseqüentemente, contribuem para o desenvolvimento do léxico, tornando-o um leque de opções para que o usuário possa melhorar cada vez mais suas relações comunicativas, inteiramente necessárias para o exercício pleno da cidadania.

Esse processo de aquisição lexical, a competência lexical, nas bibliografias de referência, vem abordado de forma a se quantificar o número de palavras que, em

determinada idade, o indivíduo deve ter em seu repertório, o que por si só se torna relativo, já que não é apenas a idade que determina esse repertório, mas, em especial, os contextos de vida do indivíduo. O aprendizado do léxico está ligado às experiências cotidianas do ser, nas quais palavras antigas surgem como novas naquele momento para o indivíduo ou nas quais as circunstâncias modernas criam novas palavras ou novos sentidos a palavras existentes.

Várias podem ser as explicações para a aquisição do léxico, dentre elas, duas noções: a de léxico enquanto inventário de palavras e a de léxico enquanto competência lexical. No primeiro caso, até certa idade adquirimos os mecanismos necessários para lidar com o léxico. No segundo caso, a ampliação do léxico depende do conhecimento pessoal implícito do falante. Outra perspectiva do estudo da competência lexical é a de que o aprendizado do léxico acontece sempre dentro de um contexto, de uma situação concreta, o que nos leva a pensar que a definição viria depois do uso. O que acontecem são ajustes que vão sendo feitos ao longo do tempo de acordo com as situações de uso (GENOUVRIER e PEYTARD, 1975). Ainda sobre essa questão, pode-se dizer que:

Se aceitarmos a ideia de que o aprendizado lexical resulta, em primeiro lugar, na aquisição de um tipo particular de competência, então o que precisamos propor a nossos aprendizes não são grandes listas de palavras, mas sim experiências com palavras que, independentemente do material envolvido, possam ser transferidas para outros materiais. (ILARI e CUNHA LIMA, 2011, p. 16)

Essas experiências são chamadas de experiências fundadoras (ILARI e CUNHA LIMA, 2011, p. 20). Tratam-se de experiências que partem de situações pessoais nas quais o falante se depara com palavras até então desconhecidas por ele e recorre ao contexto para descobrir o significado. Esse processo não explora a palavra em todos os seus usos, é claro, pois com certeza haverá outros sentidos para a palavra, em outros contextos.

Outra consideração importante a se fazer aqui é de que o trabalho com o dicionário na ampliação do léxico deve levar em conta que as palavras têm um sentido literal, e que esse sentido pode variar de acordo com contexto histórico, social e cultural em que os vocábulos forem empregados. Assim, segundo Ilari e Cunha Lima (2011, p. 20), “(...) aprender o léxico não é apenas acumular conhecimentos sobre palavras particulares, mas sim adquirir mecanismos de organização, numa situação que lembra o velho provérbio chinês segundo o qual é mais importante ensinar a pescar do que dar o peixe (...)”.

Nessa perspectiva, a palavra buscada no dicionário ganha importância na aquisição da competência comunicativa, pois é ela matéria-prima do texto. Conforme Welker (2006, p. 226),

O vocabulário é de extrema importância na recepção e produção de textos – tanto em língua estrangeira quanto em língua materna. Regras sintáticas são imprescindíveis para quem quer se comunicar correta e adequadamente, mas existe a possibilidade de, em certa medida, comunicar-se sem elas. Já sem vocabulário, a comunicação é praticamente impossível.

Em um texto, o vocabulário se faz pelas palavras que o constituem. Essas unidades vocabulares possuem um valor enquanto vocábulos, individualmente, e enquanto unidades lexicais dentro de um discurso, o que significa que a palavra pode sofrer alterações conforme as situações de comunicação. Essas alterações podem ser tanto estruturais, mórnicas, quanto de sentido, a partir de o momento em que os termos passam a fazer parte do vocabulário de um texto, de acordo com a seleção feita pelo autor. Essa seleção é feita levando-se em conta diversos fatores. A intenção do falante, o que ele pretende expressar ou deixar de expressar, os motivos que ele tem para querer dizer, o público a que se destina, o suporte que será utilizado, a modalidade de uso da língua, a formalidade do texto, o tempo e o espaço em que se dá o ato comunicativo. Enfim, o vocabulário de um texto, que funciona como um pilar dele, envolve escolhas lexicais, que não acontecem aleatoriamente, e que tornam o vocabulário rico quanto maior for o conhecimento dos atores envolvidos no processo.

Conforme Ilari (2011, p. 58), “a escola deve mais se preocupar em formar atitudes e consolidar hábitos”. Portanto, deve-se levar em conta, no estudo do léxico, que o contato com unidades lexicais desconhecidas não acontece apenas no universo escolar. Mesmo fora da escola e após ter saído dela, o aluno irá se deparar com palavras desconhecidas e terá que saber lidar com elas. Sendo assim, o aluno deverá ser instigado a questionar o desconhecido e criar o hábito de o fazer sempre que se deparar com situação semelhante, afinal de contas, seus interlocutores devem entendê-lo e ser entendidos por ele.

1.2 – Lexicologia e Lexicografia

O trabalho do professor nas aulas de Língua Portuguesa, levando-se em conta as perspectivas apresentadas nesta pesquisa, deve levar em conta duas ciências ligadas entre si no que diz respeito à compreensão dos mecanismos de funcionamento de um dicionário: a lexicologia e a lexicografia. Por lexicologia, diz-se:

A lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se

necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. (ABBADE, 2001, p. 1332)

Podemos perceber então que neste campo da língua compreendemos as diversas formas e circunstâncias em que as palavras são usadas no dia a dia dos falantes, mesmo que isso não aconteça de forma consciente por eles. As estruturas das palavras, suas funções, origens e sentidos são então partes integrantes da análise da palavra, neste caso, o dicionário, será um recurso didático a fim de que o aluno compreenda de forma adequada aquilo que se lê ou se escreve.

Quando trazemos essas áreas de organização da existência das palavras no dicionário, entramos então no campo da lexicografia. Segundo Welker (2004, p. 11), o termo lexicografia tem dois sentidos: “numa acepção (...), ele designa a „ciência“, „técnica“, „prática“ ou mesmo „arte“ de elaborar dicionários”. Em outro sentido, ainda segundo o mesmo autor, seria “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso dos dicionários (...) e ainda a tipologia.”

A partir disso, é possível compreender e melhor transmitir ao aluno as diferentes abordagens que o dicionário oferece ao consulente. É importante destacar que, na mesma turma, durante a aplicação da atividade, havia tipos e marcas diferentes de dicionários, e que, embora as acepções lidas não divergissem tanto, havia aspectos interessantes a serem observados de um dicionário para outro, o que enriqueceu mais ainda o trabalho realizado com o uso dos dicionários. Para Krieger (2012, p. 19),

Ao lado de seu papel de obra de referência, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua e a linguagem. Isso é facilmente compreensível, pois registra e sistematiza informações ortográficas, gramaticais e semânticas das palavras e locuções. Identifica também diferentes realizações das unidades lexicais, através do registro das diversidades denominativas, típicas dos falantes regionais. Traz marcações de palavras antigas e novas, de estrangeirismos, bem como informa sobre o uso e os sentidos de termos técnico-científicos. Por vezes há dados históricos sobre vários componentes dos sistemas linguísticos. Outras vezes, passagens literárias são evocadas para exemplificar e abonar determinados usos referidos (...).

Nesse sentido, reforça-se ainda mais a riqueza desse trabalho no que diz respeito à amplitude com que o aluno vai conhecer a língua e, portanto, vai ser oportunizado a entender e passar pelos diversos campos do estudo da Língua Portuguesa com os quais ele se depara durante sua trajetória escolar, sem perceber que estes campos são imprescindíveis para o sentido do uso propriamente dito das palavras nas diversas práticas comunicativas.

O estudo científico do léxico, definição básica de Lexicologia, tem assumido um perfil em três focos: vocabulários, toponímia e neologia. Isso contribui para o conhecimento da variação linguística do português do Brasil. “À variação linguística associam-se importantes

aspectos da cultura nacional, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade”. (KRIEGER, 2010, p. 169)

Nesse sentido, o léxico ocupa lugar privilegiado na formação da identidade individual e coletiva do ser humano, construída historicamente, de forma ampla e dinâmica, renovando-se e ao mesmo tempo conservando um alicerce básico de palavras comuns aos usuários, a partir do qual vão sendo construídos outros vocabulários.

Já a Lexicografia, que tem como foco o dicionário, apresenta diversos aspectos de registros lexicais, e tem abrangido questões que envolvem desde a definição até aspectos constitutivos da organização da estrutura dos dicionários, que trazem os registros e formas de tratamento do léxico nos dicionários gerais da língua. Todavia, a organização de dicionários tem levado em conta o público a que visa, o que faz com que sejam utilizados critérios de seleção lexical. Dessa forma, a projeção estrutural da obra define-se em função do perfil do usuário visado. Dentre outros objetivos, a Lexicografia pretende influenciar políticas educacionais voltadas ao ensino de língua materna, servindo como uma ferramenta importante para o professor nas aulas de Língua Portuguesa.

1.3 – Dicionário e ensino

Um dicionário serve para nos dar informações das mais diversificadas sobre as palavras. Na prática, quando se utiliza esse instrumento, tão somente se busca a definição, ligando-a a uma representação icônica da palavra no mundo, não se percebendo muitas vezes que há para o verbete outras informações como a classe gramatical a que a palavra pertence, o gênero, a separação silábica, a situação de uso do vocábulo na língua, dentre outras informações pertinentes, conforme o dicionário consultado.

Sobre essa ideia, Coroa (2011, p. 63) postula que:

Para uma perspectiva em que a linguagem é um trabalho interativo, de construção social, o dicionário é, portanto, mais do que uma forma de nomear e classificar as coisas do mundo: é um apoio para a construção de nossa rede de conhecimentos linguísticos. Assim, os sujeitos não apenas „dizem“ o mundo, mas o „instauram“ por meio do discurso. Como diferentes usos linguísticos marcam diferentes relações sociais, o dicionário também apresenta possibilidades discursivas que se inserem nas brechas significativas da linguagem (...).

Cano (1997, p. 210), ao tratar das funções dos dicionários de língua, aponta que “os dicionários de língua têm um objetivo pedagógico: fornecem respostas didáticas a questões, visam cobrir totalmente a distância entre o consulente e uma norma linguística e cultural anteriormente definida”. Ou seja, o dicionário tem função explicativa, descritiva e exemplificativa, ao passo que esclarece a palavra ao leitor. A mesma autora afirma que ao expor uma informação de forma legível, o dicionário exerce papel didático. Entenda-se aqui por legível a definição de fácil compreensão da palavra, de acordo com o nível de entendimento do falante comum, mesmo em se tratando de uso da norma padrão. É como se, nesse caso, o dicionário aproximasse o falante simples da norma institucionalmente considerada culta. Deveria ser, desta forma, o dicionário, um instrumento comum para uso do estudante, uma vez que em quase todas as atividades de leitura e escrita existem dúvidas sobre o vocabulário utilizado.

Krieger (2012, p. 18) refere-se ao dicionário como “catálogo das palavras”, tendo em vista que ele reúne o acervo lexical de uma língua, funcionando como a referência do léxico dessa língua, pois é o único lugar formal que registra em sua quase totalidade as palavras, visto que é impossível, devido ao dinamismo linguístico, o dicionário ter registrado todos os vocábulos de uma determinada língua. Além disso, o dicionário é que oficializa a existência de uma palavra na língua, como se, a partir do registro nele, a palavra passasse a existir oficialmente. Conforme Krieger, “é ele que, ao registrar a palavra, concede-lhe a ‘certidão de nascimento’ e, desse modo, institucionaliza o conjunto léxico das línguas”.

Ainda sobre o papel do dicionário, Krieger (2012) ressalta que “Ao lado de seu papel de referência, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua e a linguagem”. Isso porque esse compêndio traz de forma sistemática informações que vão desde a ortografia da palavra até a semântica que envolve as possibilidades de uso do vocábulo, o que faz com que este instrumento se torne bastante útil para as aulas de língua materna, conferindo caráter pedagógico ao dicionário, contribuinte obrigatório do desenvolvimento cognitivo do aluno.

Dubois (1971, p. 09) orienta que “os dicionários de língua são objetos culturais, espelhos onde os membros de uma comunidade se reconhecem como nativos e como participantes de uma cultura”. Portanto, o dicionário representa o acervo léxico-cultural de uma dada sociedade em um dado momento histórico, o que por si só já o torna um objeto de uso pedagógico que pode ser utilizado na sala de aula para consulta, auxiliando na prática da língua, em atividades de leitura, escrita e análise linguística. Trata-se, portanto, de um

material didático apropriado ao ensino de língua, contribuindo para o desenvolvimento de diversas habilidades na disciplina de Língua Portuguesa, em especial.

Isso reforça a função pedagógica de um dicionário, embora o professor ainda não dê a ele o espaço merecido nas aulas de Língua Portuguesa, ou por falta de formação adequada nos cursos superiores ou por não compreender a necessidade de se fazer uso deste equipamento nas suas aulas.

O dicionário torna-se, então, um instrumento que contribui para a ampliação do vocabulário do aluno; afinal de contas, para que se possa ler um texto é necessário um mínimo de conhecimento a respeito das palavras que o alicerçam. A inferência nem sempre será suficiente para o entendimento do texto, por mais que ela ajude muitas vezes na compreensão global do texto. Nesse sentido, Welker (2006, p. 228) afirma que “há situações em que a inferência inviabiliza a compreensão e muito frequentemente a adivinhação não permite a compreensão exata da frase em que está inserida a palavra desconhecida”.

Em se tratando do uso do dicionário em análise de letras de música – MPB – o estudo das palavras requer essa concepção de linguagem como algo interativo, pois é a interação do compositor com os discursos que o circundam e com o mundo discursivo do leitor em quem se pensa quando se compõe que formarão o sentido do texto, contribuirão com o processo de construção de ideias a que se propõe uma música. Esse contexto, aliado aos procedimentos inerentes às aulas desta proposta de trabalho, ajudam a desenvolver as habilidades necessárias ao aluno para a compreensão da leitura e para a ampliação de seu repertório lexical.

Para que seja possível desenvolver a proposta, faz-se necessário entender a tipologia dos dicionários utilizados pelo aluno na escola. Os dicionários são oriundos do Programa Nacional do Livro Didático do ano de 2006 e são divididos basicamente em três tipos:

O tipo 1, com no máximo 1.000 verbetes, é direcionado a alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I e possui uma proposta lexicográfica voltada para as questões de alfabetização inicial; o tipo 2 possui de 3.000 a 15.000 verbetes e é voltado ao público do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, que estão em fase de consolidação do domínio da escrita; o tipo 3, que é direcionado ao aluno do Ensino fundamental II, possui de 19.000 a 35.000 verbetes, tem características de um dicionário padrão; por último, os dicionários do tipo 4, para o público do Ensino Médio, possuem de 40.000 a 100.000 verbetes, configurando-se dicionário padrões com linguagem adequada aos interesses do aluno dessa faixa etária. Cada proposta lexicográfica apresenta o mundo das palavras e o mais a que ela liga, de forma mais ou menos

ampla, com mais ou menos exemplos contextuais e demais informações acerca da palavra.

(RANGEL, 2012, p. 19)

Na realização das atividades propostas, o dicionário utilizado foi o do tipo 3, adequado ao aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental, com o número de entradas e as definições próprias para esse público, cumprindo-se os princípios básicos da Lexicografia Pedagógica, e dando ao professor um leque de informações úteis às atividades de leitura e de produção textual nesta etapa de ensino, o que corresponde aos objetivos principais do ensino de língua materna, em especial nesta fase da educação básica.

O ensino de Língua Portuguesa, apesar das atuais discussões acerca dele, ainda tem sido alvo de estudos e questionamentos. A gramática ainda ocupa um espaço muito grande das aulas, em detrimento da leitura e produção textual. Os PCN (1997, p. 35), ao considerarem o enfoque que deve ser dado ao texto nas aulas de língua materna, trazem o seguinte:

(...) se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exigem.

Mas o uso do dicionário, com o enfoque dado neste trabalho, atende a esses preceitos dos PCN para o ensino de Língua Portuguesa? É bem verdade que a nossa ferramenta principal, neste caso, é a palavra. Entretanto, não se pode perder de vista que essa unidade será abordada dentro de um texto, sempre objetivando à melhor compreensão dele e à expansão do conhecimento do aluno. Além disso, a partir do estudo de palavras o aluno será levado a produzir discursos. Na verdade, a palavra será o pretexto para a compreensão do contexto e a produção do texto, num processo de pesquisa, análise e entendimento do objeto estudado.

Coroa (2011, p. 70) constata que:

(...) há uma leitura global do texto, no conjunto entre as palavras e o contexto imediato em que ocorre. Há uma busca de coerência entre o que diz o texto e o que a experiência do leitor acrescenta de informação sobre o mundo. E há, também, um conhecimento gramatical que não se restringe à mera nomenclatura gramatical, mas que, ao envolver especificidades de classes de palavras, conduz a construção da reflexão linguística para a articulação entre gramática, dicionário e texto. (...).

A afirmação de Coroa nos mostra que a busca de palavras no dicionário acaba levando o aluno a outros conhecimentos sobre a palavra, conhecendo, inclusive, como o vocábulo se comporta gramaticalmente e que valores semânticos esse comportamento confere à palavra e,

consequentemente, ao texto. Na verdade, o trabalho com o dicionário se torna uma aula completa de Língua Portuguesa, em que também a gramática, de forma contextualizada, está presente e que exige, por parte do professor, estratégias de ensino-aprendizagem que contribuam e forma clara para o conhecimento linguístico do aluno.

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O intuito deste trabalho é de ampliar o conhecimento lexical do aluno por meio do manuseio do dicionário ao ler e ao escrever textos diversos. Todavia, o gênero textual escolhido como *corpus* desta dissertação é a MPB. O público alvo deste trabalho é, como já citado, oriundo de uma classe baixa, que geralmente tem acesso às músicas mais típicas da região ou da faixa etária e/ou classe a que pertence. As músicas de cantores como Chico Buarque, Milton Nascimento, Vinícius de Moraes, dentre outros, não são conhecidas pelo educando em geral. Portanto, junto à realização das atividades propostas segue a explanação dessa realidade musical ao aluno, a fim de que ele entenda melhor o contexto de produção de letras da MPB.

Após isso, vem a atividade principal deste trabalho, o estudo do vocabulário das letras por intermédio de atividades diversificadas que atendam a objetivos claros e bem definidos, com o apoio do dicionário escolar. É nessa abordagem que, a partir dos exercícios, o aluno terá a oportunidade de conhecer e reconhecer palavras, inseri-las num contexto, ampliar seu uso, explorar suas diversas faces e produzir discursos próprios.

Para realizar o trabalho neste formato, o professor primeiramente seleciona a música. Após essa escolha, ele encontra palavras-chaves, em geral partindo do título, que desencadeiam as discussões durante as aulas. O estudo da(s) palavra(s) explora os vários aspectos que ela possui, tais como seus sentidos, o uso naquela situação específica, seu caráter polissêmico e os aspectos reais e figurados ligados a seu uso significativo; tudo isso não só dentro do que o dicionário apresenta, mas também com a contribuição do aluno com base nas suas experiências pessoais de uso da língua trazidas de casa e/ou da comunidade.

O valor deste trabalho se dá pelo fato de que, ao aluno, faltam estudos sistemáticos do léxico, conforme constatado com a pesquisa inicial, em especial com o uso dos dicionários, nas aulas de Língua Portuguesa. Isso se deve, às vezes, ao desconhecimento por parte do professor, ou à falta de um direcionamento objetivo e intencional, com vistas ao desenvolvimento do vocabulário do aluno, das capacidades linguísticas de que ele necessita. Por esse motivo, as atividades são simples e claras, mas necessitam do intermédio do professor, tanto no auxílio ao aluno nas situações repentinas que surgem durante as aulas quanto na viabilização de ações que contribuam para o entendimento do aluno. Até porque, segundo os PCN, no que diz respeito à prática de reflexão sobre a língua, “Quando se pensa e

se fala sobre a linguagem mesma, realiza-se uma atividade de natureza linguística. Essa reflexão é fundamental para a expansão da capacidade de produzir e interpretar textos. É uma entre as muitas ações que alguém considerado letrado é capaz de realizar com a língua (...)” (PCN, 1997, p.30).

Entretanto, antes de aplicarmos as atividades ao aluno e orientá-lo sobre como manusear um dicionário, fizemos entrevistas com alunos e professores para comprovarmos o que empiricamente já sabíamos: não há ensino sistemático do vocabulário durante as aulas de Língua Portuguesa; o dicionário é um recurso ainda pouco utilizado durante essas aulas; tanto o aluno quanto o professor desconhecem o valor do dicionário para o ensino-aprendizagem de língua materna ou apresentam grandes limitações em relação a esse conhecimento. Esses instrumentos avaliativos foram utilizados por Dargel em 1999 e, assim, aproveitamos para pesquisar se, após as políticas públicas voltadas para o dicionário (Plano Nacional de Livros Didáticos – Dicionário, de 2007 e 2012), mudaram⁹ a situação quanto ao espaço para o dicionário na cidade de Corumbá-Mato Grosso do Sul, em especial na turma pesquisada.

As atividades propostas levaram em conta situações de comunicação que partiram das letras de músicas, mas que foram além delas, no sentido de proporcionar ao estudante uma melhor compreensão dos elementos textuais que compõem as informações entendidas e subentendidas, intencionais ou não, abrangendo a estrutura de formação e escrita das palavras, além da carga semântica que as permeia, criando no aluno as condições necessárias para a produção de sentido em um texto com base no vocabulário utilizado. As próprias atividades trouxeram momentos em que o estudante foi observado em relação à internalização daquilo que fora aprendido durante os exercícios. A todo momento, a metodologia do professor, expressa nas questões levantadas sobre o texto, buscou consolidar o conhecimento lexical do aluno e forneceu ao educando condições para implementar suas produções orais e escritas.

Sem deixar de lado a abordagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, as atividades elaboradas e sugeridas permitem que o professor (re)elabore os seus próprios exercícios, inclusive podendo encaixá-los em outros gêneros a seu gosto, afinal de contas, as questões apontadas nas atividades são voltadas a situações de análise e compreensão de textos, independente de suas origens e das intenções tanto do receptor quanto do emissor. Daí apontarmos a palavra como matéria-prima, mola mestra das situações didático-pedagógicas imprescindíveis para o ensino eficaz e a aprendizagem significativa da Língua Portuguesa e

⁹Dargel (1999) constatou em sua pesquisa que o dicionário, raramente, era utilizado em sala de aula.

elemento portador de informações históricas e culturais da linguagem humana. É nessa perspectiva que a metodologia utilizada foi pensada neste trabalho: como um expoente no processo de ensino e de aprendizagem da língua materna.

Vale destacar que este trabalho não tem a intenção de usar o dicionário como um substituto de outras ferramentas nas aulas. O que queremos é apenas dar a ele o devido espaço. Como referenda Gomes (2011, p. 145):

Também mito importante é a convicção de que o dicionário é um livro escolar, não exatamente um livro didático a ser usado de forma seguida, e deve estar presente diariamente no ambiente pedagógico, estendendo-se às atividades de todas as disciplinas curriculares, da língua portuguesa à matemática, passando por história, geografia, ciências etc. A partir daí, pode-se transferir o conhecimento adquirido a outros contextos de consulta alfabética(...).

Isso nos leva a pensar que a pesquisa e seus resultados estão em busca de adeptos conscientes da importância do uso correto do dicionário, independente da disciplina ministrada pelo professor, afinal a palavra é matéria-prima do texto, e todo texto só o é, ou em especial o é, se formado por palavras e pensado a partir delas, no intuito maior de produzir sentidos ao que se diz.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADES

3.1 Do ponto de vista do aluno

Os dados a partir de agora expostos e analisados objetivam confirmar a necessidade da ideia defendida neste trabalho, a perspectiva do uso do dicionário em sala de aula durante as atividades de ensino e aprendizagem de língua materna. O primeiro questionário¹⁰ foi voltado ao aluno do 6º ano A do Ensino Fundamental da E. E. Octacílio Faustino da Silva, em Corumbá-MS. Trinta e um alunos responderam às questões, que foram tabuladas conforme se pode observar no quadro a seguir:

Quadro I – Questionário do aluno

1 – Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?	Sim –	30
	Não -	01
2 – Do que você mais gosta nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?	Ler -	09
	Resolver exercícios escritos -	15
	Copiar do quadro -	07
	*As justificativas não foram consideradas por não contribuírem significativamente com a pesquisa.	
3 – O que você faz quando não entende uma palavra durante as aulas de Língua Portuguesa?	Pergunto para o professor -	26
	Procuo no dicionário quando chego à casa -	04
	Nada -	01
4 – Você geralmente pergunta para o seu professor quando não entende o uso ou o significado de uma	Sim -	18
	Não	–

¹⁰ Vide anexo 1.

palavra?	O2	
	Às vezes - 11	
5 – Você sempre aprende palavras novas nas aulas de Língua Portuguesa?	Sim -	20
	Às vezes -	11
6 – Em qual momento da aula é comum acontecer isso?	Quando a professora passa uma atividade na lousa ou dita - 25	
	Quando estou lendo um texto - 06	
7 – Depois que você aprende uma palavra nova, começa a usá-la?	Sim - 17	
	Não -	01
	Às vezes - 13	
8 – Você lembra de alguma palavra nova que aprendeu?	Sim -	14
	Não -	17
9 – Você tem dicionário?	Sim –	27
	Não -	04
10 – Você sabe usar o dicionário? Como é que se usa um dicionário?	Sim –	31
	Procurando a palavra -	28
	Procurando por letra -	03
11 – Você gosta de pesquisar no dicionário?	Sim - 26	
	Não - 05	

12 – Como você gostaria que transcorressem as aulas de Língua Portuguesa?	Com filmes-	03
	Mais dinâmicas	-
	O5	
	Fazer leituras -	03
	Copiar texto	-
	O5	
	Interpretar texto -	03
	Do jeito que é	-
O6		
Usar a sala de tecnologia	-	
O2		
Com os alunos em silêncio	-	
O3		
Mais expositiva -	01	
13 – Seu professor de Língua Portuguesa sempre leva o dicionário para a sala de aula?	Não	-
	31	
14 – Você costuma consultar o dicionário na biblioteca?	Sim -	06
	Não	-
	23	
15 – Como seu professor de Língua Portuguesa ensina o significado de palavras novas para você?	Às vezes	-
	O2	
16 – Conte alguma atividade que seu professor desenvolveu para ensinar o significado de palavras desconhecidas de que você gostou muito.	Manda olhar no dicionário -	07
	Ela mesma explica	-
	24	
16 – Conte alguma atividade que seu professor desenvolveu para ensinar o significado de palavras desconhecidas de que você gostou muito.	Souberam explicar-	07
	Não souberam explicar-	24

Instrumento investigativo elaborado por Dargel (1999).

Pode-se perceber, primeiramente, nesse quadro, que os alunos gostam das aulas de Língua Portuguesa, o que, provavelmente, se deve à professora e aos procedimentos adotados por ela durante as aulas, embora apenas 06 alunos posicionem-se satisfatoriamente em relação à metodologia usada pela educadora, conforme se pode verificar no resultado da pergunta de número 11. Quando indagados sobre o que mais gostam nas aulas de Língua Portuguesa, as respostas mostraram-nos que 22 alunos preferem as atividades escritas, mesmo que, algumas vezes, mecânicas; e 09 elegeram a leitura como atividade preferida nas aulas de língua materna, até porque, na faixa etária do público do 6º ano, existe uma necessidade maior, por parte dos alunos, de tornar a aprendizagem concreta com atividades escritas, aliás isso é um indício, na verdade, de que a pedagogia tradicional ainda é muito forte na cultura escolar.

Outro dado interessante a se destacar na pesquisa é o procedimento dos alunos (e, por trás, do professor) em relação ao que fazem quando não sabem o significado de alguma palavra. 26 alunos responderam que perguntam à professora, 04 disseram que procuram no dicionário, na escola ou em casa, e 01 afirmou que não procura saber. Isso pode revelar dois aspectos importantes: um é o de que existe uma certa acomodação por parte do aluno em relação a pesquisar sozinho o significado de alguma palavra desconhecida, o que pode revelar falta de iniciativa do estudante. Outro ponto é que, para o professor, talvez, seja mais prático dar a resposta para o aluno, pois gera a sensação de maior controle da situação em sala de aula. Essa talvez seja uma prática constante do docente que, de certa forma, induz o aluno a não ter a iniciativa necessária para que ele mesmo possa ser sujeito no seu processo de ensino-aprendizagem, figurando como aluno pesquisador e, portanto, agente.

Faz-se necessário destacar também que o público discente entrevistado vem de uma trajetória escolar de, no mínimo, 5 anos, o que pode significar que a postura dele seja na verdade consequência de uma tradição didático-pedagógica da escola, que, no Ensino Fundamental I, não desenvolve no estudante o interesse e atitude necessária para que este possa ser um aluno que aja com iniciativa nas situações de sala de aula e de fora dela inclusive. Quando o professor, nas classes de alfabetização, ao ser questionado pelo aluno sobre com que letra se escreve determinada palavra, responde prontamente ao estudante, está formando um aluno passivo, aquele aluno que respondeu no questionário que “pergunta para a professora”.

As reflexões apresentadas no parágrafo anterior podem ser confirmadas quando, na pergunta de número 04, os educandos se posicionaram da seguinte maneira: 29 alunos sempre ou às vezes questionam o professor quando não compreendem o sentido de uma palavra em

um determinado contexto e apenas 02 nunca perguntam. Essa constatação é reforçada quando os 31 alunos dizem que sempre ou às vezes aprendem palavras novas nas aulas de Língua Portuguesa, o que acontece, para 25 deles, quando o professor passa uma atividade, e para 06 alunos, quando estão lendo um texto. O número significativo de alunos que perguntam quando desconhecem o sentido de um vocábulo e dos que aprendem palavras novas pode nos levar a outro dois dados: o de que os estudantes têm interesse em entender o desconhecido e o de que o vocabulário deles precisa ser ampliado gradativamente, embora se contradigam quando 30 afirmam usar uma palavra assim que aprendem e 17 não se lembrarem de alguma palavra nova que aprenderam. Mas isso se deve ao fato de que a dispersão própria da idade impede que memorizem certos conhecimentos adquiridos, apesar de, por outro lado, isso também significar que é necessário que o professor desenvolva mais atividades com o uso de vocabulário, principalmente de vocábulos aprendidos pelo aluno, a fim de que a aprendizagem seja consolidada.

Quanto ao acesso do aluno ao dicionário fora da escola, 27 alunos disseram que têm dicionário. Todos os alunos entrevistados julgam saber usar o dicionário, sendo que 28 dizem que, ao fazer uma busca, procuram pela palavra, e 03 dizem pesquisar pela “letra”, o que se subentende que apenas 03 dos entrevistados compreendem a ordem alfabética com que os vocábulos são dispostos no dicionário, acreditando-se que os outros 28 discentes fazem a busca observando a palavra, provavelmente sem se atentarem tanto à questão da ordem alfabética, de acordo com o que se pode observar no desenvolvimento das atividades em sala.

O uso do dicionário em sala de aula é uma metodologia bem aceita pelos alunos. Dos 31 estudantes da turma, 26 gostam de pesquisar nesta fonte, ou seja, existe uma pré-disposição muito importante, por parte dos alunos, na utilização dessa ferramenta, o que facilita o planejamento de atividades de vocabulário e a execução delas durante as aulas. Uma informação importante é a de que o professor não leva o dicionário para a sala de aula, o que denota a inexistência de atividades com este instrumento e a falta de incentivo por parte do professor.

De acordo com as respostas à pergunta de número 12, há uma necessidade de grande parte dos alunos de que as aulas sejam diversificadas, dinâmicas e de que o professor utilize estratégias planejadas e direcionadas, de modo que o estudante perceba a eficácia do trabalho docente e a concretização da aprendizagem, principalmente com o uso de dicionários. Até porque, segundo se verifica na questão 14, não é uma constante a ida à biblioteca para o contato com o dicionário. Pelo contrário, quando não acontece em casa, de modo isolado, é na

sala de aula que este instrumento vai fazer parte do cotidiano do aluno como uma ferramenta significativa de estudo da Língua Portuguesa. Assim, o professor, partindo deste único instrumento, pode desenvolver diferentes formas de abordagem do estudo das palavras de um texto.

Ao verificarmos as respostas à questão de número 16, 24 alunos não souberam explicar, visto que a maioria desses confundiu a aula expositiva da professora com o estudo de palavras desconhecidas, o que mais uma vez comprova a inexistência de atividades voltadas a esse fim. De fato, as respostas dos alunos a esse questionário mostra que o estudo do vocabulário de um texto, quando acontece na sala de aula, acontece de forma tradicional, ou seja, o aluno apenas tem acesso às palavras supostamente desconhecidas por ele, já elencadas no livro didático, por exemplo.

Conforme constatamos, não é um costume na escola, nem na prática do professor, e isso desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, o professor usar dicionários nas aulas de língua materna para, além de enriquecer o vocabulário de seus alunos, desenvolver neles competências de leitura e escrita necessárias para a formação de um aluno leitor e escritor crítico, que saiba analisar os textos que o circundam e também saiba produzir outros de estruturas semelhantes, usando as palavras como seu alicerce para a construção de atos comunicativos eficientes.

Esse tratamento especial ao dicionário no ensino de língua materna está resumido neste trecho:

Uma vez que o progressivo domínio da linguagem escrita é central tanto para o sucesso dessa empreitada quanto para o desenvolvimento da autonomia relativa do aluno nos estudos, os dicionários certamente têm uma contribuição efetiva a dar. [...] O conhecimento sistematizado sobre o léxico que o dicionário proporciona tem um papel relevante a desempenhar na (re)construção escolar do conhecimento sobre a língua e a linguagem. (RANGEL; BAGNO, 2006, p. 27)

3.2 Do ponto de vista do professor

A segunda parte da entrevista, voltada aos professores, mais especificamente a duas professoras do Ensino Fundamental II, apresentou um perfil de educadores que já tem experiência no magistério, são formados em Letras, em universidade pública, são efetivas na rede estadual de ensino, participam apenas das capacitações oferecidas pela Secretaria de Educação e possuem especialização em outra área educacional. As docentes entrevistadas

entraram na carreira do magistério por opção e escolheram a área de Letras por afinidade, desde a época de estudantes da educação básica, com a disciplina de Língua Portuguesa.

O quadro a seguir mostra as respostas das professoras às perguntas feitas, sendo P1, a professora 01 e P2, a professora 02:

Quadro II – Questionário do professor

1- Como você realiza as aulas de leitura?	P1 - Seleciono gêneros textuais e leio com eles em sala, explicando as funções.
	P2- Faço momentos de leitura livre, sem valer nota. Leio em voz alta, como exemplo.
2 – Como é trabalhado o ensino de vocabulário nas aulas de Língua Portuguesa? Há algum momento em suas aulas destinado especificamente ao ensino do vocabulário? Como é feito isso?	P1 - Com leitura e ditado. Peço a eles que procurem o significado ou a grafia correta no dicionário.
	P2 - Na reescrita das produções textuais.
3 – Quantas aulas são destinadas para a leitura durante a semana?	P1- Duas.
	P2 - Apenas uma vez por mês.
4 – O que você entende por aula de leitura?	P1 - Momento para incentivar e despertar o prazer de ler.
	P2 - Toda e qualquer forma de leitura, específica ou não.
5 – Há interesse por parte dos alunos nas aulas de leitura?	P1 - Sim.
	P2 - Não. Apenas de uma minoria.
6 – Como eles demonstram esse interesse?	P1 - Pela participação deles.
	P2 - Existe uma biblioteca, aonde eles (a minoria) vão para emprestar livros para leitura.
7 – De que forma é trabalhada a dúvida do aluno a respeito de uma determinada palavra?	P1 - Ligando-a ao cotidiano do aluno.
	P2 - Solicitando que ele consulte o dicionário.
8 – Seus alunos possuem dicionário?	P1 - Alguns possuem.

	P2 - Alguns possuem.
9 – Eles sabem como usar o dicionário?	P1 - Sim.
	P2 - A maioria sabe.
10 – Você incentiva o uso do dicionário? Em quais momentos?	P1 - Sempre que se depara com uma palavra desconhecida.
	P2 - Nas aulas de ortografia.
11 – Qual é o resultado?	P1 - Satisfatório.
	P2 - Os que são interessados aprendem.
12 – A escola oferece dicionários quando os alunos não possuem um?	P1 - Sim.
	P2 - Sim.
13 – Você sempre leva um dicionário para a sala de aula?	P1 - Sim.
	P2 - Só nas aulas de ortografia.
14 – Quando acontece de você se esquecer do dicionário e o aluno também, o que você faz?	P1 - Nunca aconteceu isso.
	P2 - A escola tem.
15 – Quando o aluno não entende uma palavra, o que você faz para que ele a compreenda?	P1 - Cito exemplos do cotidiano.
	P2 - Cito exemplos do cotidiano.
16 – Você acha importante o ensino do vocabulário? Por quê? Como se processa esse ensino? Que dificuldades você encontra no ensino de vocabulário?	P1 - Sim, porque para se compreender um texto é preciso compreender o vocabulário dele.
	P2 - Sim. A dificuldade sempre é o desinteresse do aluno.
17 – Você acha que seus alunos conseguem aplicar na produção de textos as palavras aprendidas nas aulas de Língua Portuguesa?	P1 – Acredito que sim.
	P2 – Alguns. Só os mais interessados.
18 - O que você considera mais importante ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?	P1 - Leitura e vocabulário. Porque desenvolve no aluno a capacidade de compreensão.

	P2 - Tudo é importante.
19 – Para você qual deve ser o objetivo das aulas de Língua Portuguesa?	P1 - Desenvolver a competência comunicativa no aluno.
	P2 - Apropriar-se da língua.
20 – Como você demonstra para o aluno as diversas possibilidades de leitura de uma palavra?	P1 - Mostrando no vocabulário.
	P2 - Através de textos variados.
21 – O que você prefere trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?	P1 - Leitura. Porque gosto de ler.
	P2 - Leitura e ortografia.
22 – O que você acha que seus alunos preferem estudar nas aulas de Língua Portuguesa? Em que você se baseia para afirmar isso?	P1 - Leitura. Eles gostam do dia da aula e leitura.
	P2 - Tudo que for relacionado às mídias. Eles participam mais da aula.
23 – Você percebe que seus alunos incorporam no vocabulário ativo as palavras novas aprendidas nas aulas de Língua Portuguesa?	P1 - Sim.
	P2 - Apenas os alunos interessados incorporam.
24 – Quais recursos são utilizados em suas aulas?	P1 - Notebook, Datashow, livros paradidáticos.
	P2 - Daruma, gibi.
25 – O aluno demonstra interesse em aprender palavras novas? Como você nota isso?	P1 - Sim. Pelo entusiasmo dele.
	P2 - Não. É difícil despertar o interesse dele.
26 – Conte alguma experiência que você teve nesse aspecto e considere interessante ser destacada.	P1 - Não respondeu.
	P2 - São poucas. E as poucas, usando mídias.
27 – Por que considerou interessante a experiência? Por que considera que não teve nada de interessante?	P1 - Não respondeu.
	P2 – Porque despertou interesse mais que o normal.
28 – Como você gostaria de trabalhar as aulas de leitura e, conseqüentemente, as de vocabulário? Por que não ocorrem dessa forma?	P1 – Da maneira que conduzo me sinto satisfeita.
	P2 - Com livros e computadores para todos os alunos.

Instrumento investigativo elaborado por Dargel (1999).

Podemos dividir o questionário do professor em quatro setores distintos, mas convergentes entre si. O primeiro (questões 18, 19, 20, 21, 22 e 24) é relacionado à concepção que o professor tem sobre as aulas de Língua Portuguesa; o segundo (questões 01, 03, 04, 05, 06 e 28) refere-se às crenças e práticas deste professor, no âmbito da leitura, nas aulas de língua materna; o terceiro setor (questões 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14 e 15) está diretamente ligado ao dicionário, no que diz respeito ao seu uso durante as aulas e às relações estabelecidas com este instrumento por professor e aluno; o quarto e último setor da pesquisa (questões 02, 07, 16, 17, 23, 25, 26, 27 e 28) aborda questões voltadas ao ensino de vocabulário.

Em uma leitura mais geral dos resultados do quadro, podemos perceber dois perfis diferentes de professores de Língua Portuguesa. Um, além de ser mais otimista em relação às expectativas de aprendizagem dos seus alunos, utiliza com mais frequência o dicionário em sala de aula e dedica mais tempo às aulas de leitura, embora explore o instrumento apenas para dirimir dúvidas de vocabulário dos textos dados, ou para verificação da correção ortográfica de palavras nos ditados feitos. O P1 tem sempre em mãos o dicionário e, provavelmente, quando o aluno tem dúvida sobre a ortografia ou sobre o significado de um vocábulo, deve solicitar ao estudante que o consulte. Já a professora P2, embora utilize as mídias em suas aulas, enfrenta um índice muito grande de desinteresse e, apesar de ter essa percepção, não consegue compreender que a partir do uso diversificado das mídias pode desenvolver um leque de atividades, inclusive com o dicionário, que surtirão efeito, despertando um maior interesse por parte dos discentes.

Vamos analisar cada setor separadamente. O primeiro, relativo às aulas de Língua Portuguesa, nos mostra que o professor tem, de forma clara, o objetivo maior das aulas de língua materna: apropriar-se da língua de forma a desenvolver no aluno a competência comunicativa. Além disso, pode-se perceber que o educador conhece bem o alunado e reconhece as práticas metodológicas por que ele mais se interessa, por mais que se tenha uma parcela dos estudantes que, na visão da professora P2, sejam desinteressados. Ambas as educadoras utilizam em suas aulas recursos diferentes, inclusive midiáticos, e têm consciência do papel dessa diversificação no processo de ensino e de aprendizagem.

Quanto à leitura, tanto P1 quanto P2 entendem-na como uma atividade que acontece em momentos específicos da aula, e não como um processo que perpassa pelos mais diversos momentos das aulas de língua materna. P1, até por estabelecer um tempo maior para as aulas de leitura, reconhece a importância de oferecer ao aluno a diversidade de gêneros textuais e os

utiliza, procurando despertar interesse em sua classe, o que se comprova pela expectativa do aluno em relação a essas aulas.

Já P2 não consegue despertar o mesmo interesse e, provavelmente, se frustra com o retorno dado pelo estudante. Isso se deve ao fato de que não há, por parte de P2, um planejamento claro e direcionado para essas aulas. A docente não sabe aproveitar “os poucos alunos interessados” que vão à biblioteca e fazem empréstimo de livros, não havendo um trabalho específico com eles, a fim de valorizá-los e motivar os demais. Provavelmente, essa professora entende por leitura (aula de leitura) apenas o processo de decodificação, o que se revela quando P2 diz que lê em voz alta, para servir de modelo a seus alunos.

O terceiro bloco de perguntas investiga a postura do professor em relação ao trabalho com o dicionário em sala. A professora P1, que sempre traz o dicionário para a sala, certamente não é a professora de Língua Portuguesa dos alunos da turma entrevistada, uma vez que eles afirmaram que a professora nunca traz esse instrumento para a sala de aula. Um aspecto interessante da pesquisa é o de a escola dispor de dicionários para o aluno e, mesmo assim, não haver uma abordagem sistemática dessa ferramenta nas aulas.

Para as docentes entrevistadas, o aluno¹¹ se coloca apenas na posição de consulente do dicionário, utilizando-o apenas como material de certificação de determinada dúvida ortográfica ou de significado. Quando a dúvida ainda persiste no aluno, mesmo após a consulta, ambas as educadoras exemplificam com situações pertencentes à realidade que circundam os estudantes, o que é, na verdade, um encurtamento do caminho para o discente que, ao invés de ser instigado a pesquisar e analisar as situações, recebe prontamente a resposta. É óbvio dizer que o dicionário não é explorado em todas as suas possibilidades pelas professoras, e está longe de ser diante do que propôs o Programa Nacional do Livro Didático 2006, que organizou dicionários, apropriando-os para o uso escolar, e disponibilizou todo um material instrucional com conceitos e sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula.

Por último, não menos importante, e intrinsecamente ligado ao terceiro setor, estão as perguntas relativas ao ensino de vocabulário. Iniciemos essa parte com o seguinte comentário de Krieger (2012, p. 72): “Um dos maiores desafios do professor é levar o aluno a ampliar seu vocabulário não só para que ele leia melhor [...]. No entanto, para que a palavra nova

¹¹ Houve preferência por utilizar *aluno* e *professor* no singular, a fim de se representar de forma geral os discentes e docentes. Em alguns momentos não foi possível generalizar, o que tornou necessário usar as formas no plural.

incorpore-se ao vocabulário do aluno, e, se possível, passe a fazer parte de seu léxico ativo, não basta mandar consultar o dicionário”. De forma geral, os procedimentos das duas professoras é o mesmo nas aulas de vocabulário, sendo que a professora P1, por dedicar mais tempo aos estudos de vocabulário, consegue observar a interiorização, por parte do aluno, daquilo que é aprendido nessas aulas. Ao passo que P2 não privilegia no seu planejamento aulas dedicadas ao estudo sistemático de vocabulário.

Além de dedicar mais tempo, as professoras precisam tornar esse estudo uma molanestra do desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, através de um conjunto de atividades que extrapolem a mera busca por significados ou a verificação da norma padrão da grafia da palavra, e isso só será possível pela iniciativa do educador baseado na literatura que contempla o assunto e impulsionado pela consciência de que ensinar Língua Portuguesa seja, de fato, estabelecer conexões com o mundo sem ter que sair fisicamente do seu lugar, apenas utilizar as palavras o transporte mais eficaz para essa viagem infinita ao mundo que nos rodeia.

3.3 Das atividades aplicadas em sala

Neste subcapítulo, verificaremos a realização do trabalho em sala de aula. Vale ressaltar que esta atividade funcionou como um teste para saber se o aluno já sabia manusear o dicionário, bem como conhecer o efeito que uma aula preparada em cima do uso do dicionário poderia. Esse teste acabou sendo um teste também para quem ministrou a atividade, uma vez que o professor não tinha como prática cotidiana a inserção do dicionário em suas aulas.

A princípio, na atividade 01¹², o aluno conheceu, por intermédio do professor, a vida e a obra de Chico Buarque, e o contexto em que *A banda* foi escrita, a fim de que a pré-compreensão da letra da música contribuísse para iniciar o estudo. A primeira atividade foi a partir da exploração da palavra *banda*. O exercício 01 pedia que o aluno procurasse no dicionário o significado dessa palavra. Ao encontrar o vocábulo no dicionário, a primeira atitude do aluno foi questionar o professor sobre os vários significados que lá apareciam. Automaticamente, o aluno já se direcionava ao significado próximo ao do texto, não se atendo ao caráter polissêmico que o vocábulo apresentava.

¹² Vide texto e atividades nas páginas 51 a 53.

O professor então explicou que, conforme solicitava o enunciado da questão, interessava neste momento apenas observar e registrar as acepções de *banda*. Como havia diferentes tipos de dicionário (tipo 1 e tipo 2) e autores (Houaiss, Aurélio, Borba, Bechara, Aulete), o aluno percebeu que as informações, embora semelhantes, eram apresentadas de forma diferente pelo autor. Neste momento, coube ao professor explicar qual a diferença e por que havia essa diferença. Os alunos perceberam que a palavra em estudo possuía significados que podiam divergir totalmente do sentido em que ela foi empregada no texto. O professor solicitou então a eles que criassem frases oralmente em que aquela palavra fosse usada em um e em outro sentido. Alguns dicionários já traziam junto às acepções exemplos de contextos em que os significados pudessem ser inseridos (abonações), sabendo-se que, no caso da música em estudo, apenas um se encaixava à proposta do autor.

Após esse primeiro momento de estudo do vocábulo que dá nome ao texto, os alunos procuraram palavras que desconheciam ou sobre as quais tinham dúvidas quanto ao significado. Podemos perceber nesse momento dois tipos de dificuldades significativas dos educandos: a não localização do vocábulo por não entenderem o mecanismo de ordem alfabética em que se encontram as palavras e a busca tal qual elas apareciam grafadas no texto original.

No primeiro caso, o professor procedeu à abordagem na lousa sobre a ordem alfabética das palavras em um dicionário, de duas formas: na primeira, elencando com eles palavras da música para serem colocadas em ordem alfabética; na segunda, selecionando palavras do texto e criando outras derivadas delas ou com morfema lexical semelhante, para que em seguida estas fossem colocadas na sequência do alfabeto. Por exemplo, a partir da palavra *banda*, mais especificamente do seu morfema lexical, o professor, com a ajuda dos alunos, criou *abandonar*, *bandido*, *bandoleiro*, *bandidagem*, *band-aid*, *bandeja*, *bandeira*, *bandalheira*; em seguida, as palavras foram elencadas no quadro e colocadas na ordem em que aparecem no dicionário. É importante registrar aqui a oportunidade que a atividade deu ao aluno de ampliar seu repertório lexical e perceber que ele, sem refletir sobre a ação, conhece diversas palavras e faz uso delas. Além disso, os alunos que possuem um repertório de palavras menos vasto que outros colegas da mesma turma puderam ser auxiliados pelos próprios colegas nessa ampliação do vocabulário.

No segundo caso, alguns alunos depararam-se com verbos como *despediu* e, ao procurar no dicionário, verificaram que a palavra não aparecia flexionada. Mais uma vez a intervenção do professor de Língua Portuguesa fez-se necessário, deixando claro ao aluno

que, independentemente do tempo e da pessoa em que o verbo esteja flexionado, ele aparecerá, no dicionário, em sua forma infinitiva. Após esse esclarecimento, o professor solicitou que o aluno localizasse outros verbos no texto e os procurasse no dicionário, a fim de se certificar do que lhes foi informado.

Assim também procedeu-se em relação às palavras que estavam no gênero feminino. Essa etapa foi mais um trabalho de reflexão sobre a estrutura morfológica das palavras na nossa língua. É interessante destacar que o aluno assimilou o conceito de morfema lexical e também percebeu que, mesmo quando ele é igual, os significados não são necessariamente afins, devendo-se sempre recorrer ao contexto e ao dicionário para se ter certeza do que se está compreendendo. Pode-se dizer que o dicionário, mais do que um mero instrumento de consulta das palavras da língua, é uma rica enciclopédia de vocábulos que traz as inúmeras possibilidades que o uso destes pode ter na efetivação do processo de comunicação.

As duas atividades seguintes proporcionaram um importante momento de desenvolvimento da oralidade e partiram da experiência de vida do aluno. A primeira atividade solicitou que o aluno expusesse à turma as situações em que ele utilizou a palavra *banda* e o segundo exercício pediu que o educando relatasse as situações, dentre as acepções da palavra *banda* que ele encontrou no dicionário, ele verifica serem mais utilizadas no cotidiano. A acepção mais relatada por eles foi a que se refere à *banda musical*. Entretanto, alguns alunos, por conta da convivência com os avós, que mantêm forte o sotaque e a variação linguística típicos da região pantaneira, disseram que ouvem muitos enunciados construídos da seguinte forma: *Fulano mora na banda de lá*. Em seguida, voltamos ao dicionário e eles reviram o significado em questão.

A atividade seguinte levou em conta o uso do verbo contar nos versos *O homem sério que contava dinheiro parou/O faroleiro que contava vantagem parou/A namorada que contava as estrelas parou*. Neles, o verbo citado possui conotações diferentes. Dessa forma, ao procurar o significado da palavra no dicionário, além de se deparar com o caráter polissêmico do vocábulo, o aluno pode observar que o dicionário traz os sentidos reais e figurados das palavras, quando possível.

A primeira observação interessante de um aluno foi a de que podemos na língua, com muitos vocábulos, *brincar* com os sentidos, dando a palavras que possuem significados concretos ou imaginários que nossa criatividade comunicativa ou que o uso cotidiano da língua sem reflexão nos permite. Essa atividade pediu que déssemos uma pausa para se

abordar o campo semântico da língua com o estudo dos sentidos conotativo e denotativo a partir de exemplos dados pelo aluno e retirados do seu próprio cotidiano. O educando percebeu ainda que os textos, em especial, no caso, a letra de música, muitas vezes se utilizam dessas possibilidades para transmitir/despertar no leitor o que se deseja. O professor citou o exemplo da música *Meteoro*, do cantor Luan Santana, muito escutada pelo aluno e que em determinado trecho diz *Te dei o sol, te dei o mar/Pra ganhar seu coração/Você é raio de saudade/Meteoro da paixão/Explosão de sentimentos que eu não pude acreditar/Ah, como é bom poder te amar*. O aluno buscou no dicionário o significado do vocábulo *meteoro* e, a partir de então, analisou junto com o professor o sentido na música¹³. Esse mesmo procedimento ocorreu nas atividades seguintes.

É importante observar que as atividades propostas são exercícios, de certa forma, corriqueiros, ou, pelo menos, possíveis de serem realizados em sala nas aulas de Língua Portuguesa. Entretanto, o cotidiano do professor ou talvez seu despreparo acabem não oportunizando ao aluno esses momentos de enriquecimento do vocabulário, de construção do conhecimento numa abordagem que envolve o desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação e produção de textos, além de, é claro, como se pode observar nesta proposta de trabalho, de oportunizar a eles a ampliação de seu repertório cultural e musical, de uma forma lúdica e, portanto, prazerosa, com trocas de experiências o tempo todo e, na mesma medida, construção de saberes linguísticos referentes à (re)construção do léxico do educando. Tudo isso com o auxílio de uma ferramenta tão próxima do aluno no ambiente escolar, embora um pouco esquecida ou talvez utilizada com limitações: o dicionário.

A utilização dessa ferramenta recebeu com certeza destaque entre os alunos, que não estava acostumado a trabalhar com ela, pelo menos não da forma como a abordagem dessa proposta requereu. Os alunos perceberam que, mais do que conhecer os significados das palavras da língua ou tirar dúvidas ortográficas acerca delas, o dicionário é um importante veículo de ampliação do conhecimento e de desenvolvimento da capacidade comunicativa do ser, que vai muito além do simples fato de falar ou escrever corretamente, mas de saber usar as palavras nas diversas situações da fala e da escrita com que nos deparamos no nosso cotidiano de forma criativa e eficiente, auxiliando, assim, muito na formulação de práticas comunicativas que transmitem ideologias, valores, vontades, sentimentos, sejam eles de forma clara ou velada; mas preponderantes para a efetivação da existência da pessoa enquanto ser

¹³ Sugestão de Dargel (2011).

humano individual e social que é sujeito da tão esperada transformação social a que se quer chegar por meio da escola.

A aula 02¹⁴, referente à música *Meu mundo é hoje*, de Wilson Batista, começou com a audição da canção. Logo se pode perceber que os alunos voltaram sua atenção a uma palavra em especial: hipocrisia. Esse fato pode ser verificado por intermédio da resposta deles à questão 1. A leitura do significado da palavra *hipocrisia* trouxe à tona uma discussão referente à autenticidade do ser humano, o que fez com que o professor intervisse explicando os casos em que o uso da palavra *hipocrisia* fosse mais adequado.

Nas questões 2 e 3 os alunos puderam refletir sobre o caráter polissêmico das palavras, em especial das palavras *pena* e *tomar*. Os alunos puderam perceber, a partir da reflexão sobre os significados desses itens, que o eu-lírico, na letra da música, colocava-se em uma posição contrária a daqueles que pensam e agem de forma diferente dele, e isso o autor o faz de forma contundente, visto que o significado da palavra *pena* tem um cunho depreciativo, o que é reforçado mais adiante, na letra da música, quando ele diz “nunca tomei parte desse enorme batalhão”.

A questão número 4 apenas reforçou os diferentes usos das palavras destacadas nas questões 2 e 3, esclarecendo ao aluno, mais uma vez, que o uso que o falante faz de uma palavra vem acompanhado do sentido que este impõe a ela, seja porque a língua oferece essas possibilidades de uso ou porque o usuário cria suas possibilidades a partir de suas experiências de vida e, é claro, da bagagem vocabular que essas experiências deram a ele.

A aula 03¹⁵ trouxe à discussão o uso de expressões¹⁶ correntes na língua portuguesa e a ocorrência delas nos dicionários, além de levar o aluno a refletir sobre o uso das preposições na formação dessas expressões. Em um primeiro momento, os alunos compreenderam o significado da palavra *expressão*, na língua portuguesa, visto que o mesmo vocábulo figura na linguagem matemática. Em seguida procedeu-se à busca da expressão *flor-de-lis* no dicionário. O aluno verificou que teve que procurar a palavra *flor* para, a partir daí, encontrar a expressão.

¹⁴ Vide texto e atividades nas páginas 53 e 54.

¹⁵ Vide texto e atividades nas páginas 54 a 58.

¹⁶ Esclarecemos que não trabalharemos com termos específicos da área do Fraseologismo. Neste trabalho damos a designação genérica *expressões/expressão*, pelos caráter didático e adequação ao público a quem queremos chegar. Do mesmo modo, conforme já explicitado anteriormente, utilizamos como sinônimos palavra e vocábulo, apesar de sabermos que não são.

As próximas atividades visaram ao enriquecimento de vocabulário por meio da construção de frases. Nessa perspectiva, foram dados dois quadros de palavras para que o aluno, juntando uma de um quadro a outra do seguinte, usando a preposição *de*, formasse expressões diversas presentes no cotidiano dele. Após formar as expressões, o aluno teve que as encaixar em frases, observando, para tanto, o contexto de uso.

Essa atividade gerou uma necessidade de comunicação entre eles, no sentido de que fizessem comparações e, a partir daí, questionamentos sobre a aplicação das expressões nos contextos frasais dados. Para sanar dúvidas e resolver questões de significado e coerência, o aluno recorreu ao dicionário, podendo, dessa forma, perceber que nem sempre a expressão constava na ferramenta. Nesse sentido, foi necessário que o aluno recorresse ao seu conhecimento de mundo ou procurasse separadamente as palavras que compunham a expressão, tentando “juntar” os significados para um sentido comum.

Essa aula deu ao estudante a oportunidade de desenvolver sua capacidade de análise e compreensão textual, que, no caso das questões dadas, estava intrinsicamente ligada à bagagem de vocabulário adquirida pelo aluno ao longo de sua trajetória linguística, ou seja, o estudante só conseguiria encaixar as expressões nas frases se as palavras observadas fizessem parte de seu arquivo vocabular e se ele entendesse o contexto em que essas expressões seriam encaixadas nos períodos, o que só seria feito com sucesso se a análise da situação feita pelo aluno fosse adequada.

Na aula 04¹⁷, a atividade desenvolvida aconteceu com base na música *Vilarejo*, da cantora e compositora Marisa Monte. A palavra escolhida para iniciar o trabalho com o dicionário, estrategicamente, foi a palavra *paraíso*. No caso, a palavra escolhida está diretamente ligada ao sentido geral do texto, remetendo-nos, inclusive, ao título deste, no que diz respeito à ligação que ambas as palavras têm no (con)texto, e que é comprovada, dentre outras coisas, pelo advérbio *lá*, em “*paraíso se mudou para lá*”.

Após o primeiro bloco de atividades, voltado ao exposto no parágrafo anterior, as questões foram direcionadas ao desenvolvimento do vocabulário do estudante, a partir da criação de palavras derivadas, confirmadas no manuseio do dicionário. Após criar os vocábulos e confirmar a veracidade deles, o aluno procedeu à formação de sentenças em que mais de uma palavra figurasse, ao mesmo tempo, coerentemente, no mesmo período; o que

¹⁷ Vide texto e atividades nas páginas 58 e 59.

requer capacidades voltadas à coerência e coesão textuais, a fim de que fossem criados períodos que dessem sentido ao que se propunha.

Pode-se perceber por intermédio dessa atividade que as palavras armazenadas pelo aluno desde a primeira atividade da intervenção didática começaram a fazer parte do repertório vocabular dele. Isso significa dizer que o aluno adicionou ao próprio conhecimento lexical as palavras e expressões aprendidas e, assim, deu a elas os sentidos possíveis, além de refletir sobre os usos significativos delas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p. 16.),

(...) o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Dessa forma, o uso do dicionário nas atividades propostas neste trabalho permite ao aluno construir conceitos e expandir sua capacidade de se expressar, pois, além de ter acesso às palavras e aos significados delas na língua, o estudante tem a oportunidade de aplicar esses vocábulos em situações de escrita e de refletir sobre essa aplicação, dando, assim, o formato necessário às situações de comunicação existentes nas relações pessoais e interpessoais cotidianas.

3.4 Atividades com o dicionário em sala de aula

Neste subcapítulo, apresentamos as atividades elaboradas, com base nas entrevistas realizadas, nas atividades aplicadas e nas percepções feitas e nas reflexões teóricas. Faz-se necessário informar que elas são apenas um modelo de como se pode fazer o uso significativo do dicionário em práticas de leitura, interpretação e produção textuais. Os exercícios podem ser utilizados nas séries finais do Ensino Fundamental¹⁸, embora tenham se espelhado especialmente em turmas do 6º ano por ser esta a série em que foram aplicados.

Conforme já exposto, a metodologia explorou letras da MPB. É claro que, nas atividades aqui expostas, buscamos arrolar, considerando-se o objetivo deste trabalho, apenas as questões voltadas ao dicionário e estudo do vocabulário, com vistas à ampliação do

¹⁸ Cabe ao professor conhecer o aluno e saber a qual nível de ensino aplicar atividades baseadas na nossa proposta metodológica.

conhecimento lexical, e conseqüentemente o conhecimento linguístico do aluno. No entanto, também, durante as aplicações em sala de aula, como aconteceu com as quatro primeiras, os alunos foram convidados a ouvir as músicas, pesquisar e conhecer um pouco mais sobre a vida dos cantores e compositores e, em alguns momentos, checar a história que circundava a criação musical, o que não possibilita fechar um número exato de aulas para a realização de cada atividade.

Um programa de estudo do léxico, segundo Antunes (2012, p. 153-160), deve abordar variadas perspectivas, dentre elas:

- A perspectiva da linguagem como ação discursiva;
- A perspectiva do vocabulário como elemento estruturante do texto;
- A perspectiva do estudo do léxico como resposta às demandas sociais de competência verbal;
- A perspectiva da permanente renovação e expansão do léxico;
- A perspectiva das decisões quanto à escolha das palavras, a fim de provocar efeitos discursivos.

Antunes, autora supramencionada, aponta-nos caminhos a serem seguidos na abordagem do léxico. Primeiramente, partindo do princípio de que o ato de comunicação requer do falante uma produção suficientemente clara para que o usuário da língua possa ter sucesso na compreensão do que leu. Para tanto, o produtor do ato comunicativo deve lançar mão de artifícios da língua como os antônimos, sinônimos, homônimos, hiperônimos e outros, nunca perdendo de vista a intenção que se tem na construção dos sentidos. Também, nessa mesma linha de importância, encontra-se a seleção vocabular, que vai colaborar na construção do texto com os aspectos de coesão, com palavras e expressões típicas da língua e com os aspectos de coerência, que darão significado a essa teia de palavras que formam o texto.

Outra perspectiva que se deve ter é referente à abordagem do léxico, levando-se em conta as necessidades comunicativas da sociedade em seus diferentes grupos. Nesse caminho também se encontram as diversas manifestações da cultura, refletidas nas palavras e expressões das pessoas, explorando-se mecanismos linguísticos como os processos de formação das palavras e as atribuições de sentidos que vão se atualizando conforme a frequência de uso e demais influências histórico-culturais. Por último, deve-se destacar o valor das seleções lexicais feitas pelo produtor de textos, baseadas em seus objetivos, buscando sempre o efeito desejado por ele. Isso se pode dar com a exploração de figuras de

linguagem, com o uso do caráter polissêmico das palavras, das expressões, frases de efeito e demais opções que a língua oferece.

Temos em mente, é claro, que as atividades propostas, como já foi arrolado, são apenas alguns exemplos de como esses artifícios da língua podem ser explorados. Sendo assim, nem todos eles foram contemplados nos exercícios, o que não significa que não o possam ser.

A seguir estão as sequências didáticas elaboradas que alicerçaram a elaboração deste trabalho a partir, é claro, da observação de uma fragilidade do ensino de língua materna no que se refere ao ensino-aprendizagem de vocabulário e no uso de uma ferramenta de fácil acesso ao aluno e professor: o dicionário.

Inicialmente, foram escolhidas as músicas seguintes, aleatoriamente, partindo de vivências pessoais e profissionais deste autor.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 01

A banda

Chico Buarque de Holanda

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou

Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

1. Procure no dicionário o significado da palavra **banda**. Transcreva-a.
2. Verifique as palavras das quais você desconhece o significado. Selecione-as, procure os significados delas no dicionário e transcreva a acepção que melhor se encaixa ao texto.
3. Qual dos significados que você encontrou para a palavra **banda** se encaixa ao sentido que a palavra tem no texto?
4. Você já utilizou a palavra **banda** em alguma situação da fala ou da escrita? Se sim, conte como foi essa situação.
5. Em que sentido você ouve mais a palavra **banda** ser utilizada?
6. Observe os versos seguintes:

*O homem sério que contava¹ dinheiro parou
O faroleiro que contava² vantagem parou
A namorada que contava³ as estrelas parou*

Para ver, ouvir e dar passagem

Agora, faça o que se pede:

- a) Quais os significados do verbo **contar** presentes no dicionário?
- b) Qual acepção se encaixa melhor ao sentido em que foi usado em **contava**¹?
- c) Qual acepção se encaixa melhor ao sentido em que foi usado em **contava**²?
- d) Qual acepção se encaixa melhor ao sentido em que foi usado em **contava**³?
- e) Qual a diferença de sentido da palavra **contava** em 1 e em 2? Em qual dos dois casos a palavra foi usada em seu sentido figurado?
- f) Procure no dicionário palavras sinônimas que possam substituir a palavra **contava** nos versos. Depois, reescreva os versos, fazendo as substituições.

7. Os versos *Pra ver a banda passar / cantando coisas de amor* se repetem ao final das estrofes. Procure no dicionário o significado da palavra *coisa*. Em qual sentido a palavra foi utilizada no texto?

8. Ainda com o uso do dicionário, escolha palavras que possam substituir *coisa* no texto.

9. Observe os versos:

*E cada qual no seu canto*¹

*Em cada canto*² *uma dor*

Depois da banda passar

Cantando coisas de amor

a) Procure no dicionário a palavra **canto**. Agora, escreva o significado que melhor se encaixa aos dois usos no texto.

b) Transcreva os significados da palavra **canto** que aparecem no dicionário. Você vai escrever uma pequena história utilizando os diversos significados da palavra que você encontrou. Use o dicionário para as outras palavras que você irá utilizar no seu texto.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA - 02

Meu mundo é hoje

Wilson Batista

Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim
Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim
 Meu mundo é hoje não existe amanhã pra mim
 Eu sou assim, assim morrerei um dia
Não levarei arrependimentos nem o peso da hipocrisia
 Tenho pena daqueles que se agacham até o chão
 Enganando a si mesmo por dinheiro ou posição
 Nunca tomei parte desse enorme batalhão,
 Pois sei que além de flores, nada mais vai no caixão
Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim

1. Selecione a(s) palavra(s) da(s) qual(is) você desconhece o significado?

2. Procure no dicionário o significado das seguintes palavras:

a) pena:

b) tomar:

3. Agora, verifique o sentido em que as palavras destacadas nos trechos que se seguem foram usadas:

a) Tenho **pena** daqueles que se agacham até o chão

b) Nunca **tomei** parte desse enorme batalhão

4. Reescreva os trechos anteriores, trocando as palavras em destaque por outras de sentido equivalente:

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA - 03

Flor de lis

Djavan

Valei-me, Deus

É o fim do nosso amor

Perdoa, por favor

Eu sei que o erro aconteceu

Mas não sei o que fez

Tudo mudar de vez

Onde foi que eu errei?

Eu só sei que amei

Que amei, que amei, que amei

Será talvez Que

minha ilusão Foi

dar meu coração

Com toda força

Pra essa moça

Me fazer feliz

E o destino não quis

Me ver como raiz

De uma flor de lis

E foi assim que eu vi

Nosso amor na poeira, poeira

Morto na beleza fria de Maria

E o meu jardim da vida

Ressecou, morreu

Do pé que brotou Maria

Nem margarida nasceu

E o meu jardim da vida

Ressecou, morreu
Do pé que brotou Maria
Nem margarida nasceu

1. Observe as palavras *flor* e *lis*. Perceba que entre elas foi usada uma preposição: a palavra *de*. Ao se unir as duas palavras pela preposição *de*, criou-se a *flor de lis*. Assim, na Língua Portuguesa, muitas expressões são criadas. Você sabe o que significa essa expressão? E o que significa a palavra *expressão* no uso corrente da língua, já que também na linguagem matemática se utiliza a palavra *expressão*?

2. Releia o trecho seguinte:

E o meu jardim da vida / Ressecou, morreu / Do pé que brotou Maria / Nem margarida nasceu

a) A que classe gramatical pertencem as palavras em destaque?

b) Por que *Maria* está grafada com **M** maiúscula e *margarida* com **m** minúscula?

c) Procure no dicionário o(s) significado(s) da palavra *margarida* e transcreva-o a seguir:

d) Em que sentido essa palavra foi utilizada na música?

e) Explique esse jogo de palavras (*Margarida* x *margarida*) utilizado pelo autor:

3. Encontre expressões comuns juntando um nome da coluna I com um nome da coluna II, usando a preposição *de*. Poderão haver diversas combinações possíveis para algumas das palavras. Use o dicionário para conferir essas combinações.

I	II
Mudança	Sorte
Sinal	Rico
Modo	morrer
Força	expressão
Senso	atitude
Tempo	dizer
Controle	humor

Questão	palavra
Alvo	validade
Homem	tempo
Prazo	chacota
Golpe	qualidade
Sangue	sobra
Lindo	Vida
Podre	Barata

4. Agora, complete as frases seguintes com as expressões encontradas por você:

a) É preciso mesmo ser _____ para gastar tanto dinheiro com joias e carros novos.

b) Faz tempo que não tenho notícias do João. Depois que ele se mudou para Brasília, nunca mais deu _____.

c) Não reclame tanto! Você vai ter _____ para terminar essa tarefa.

d) Você não precisa sair do grupo. Para ficar conosco, tudo o que queremos de você é uma sincera _____.

e) Dizer que o Pedro é um gênio já é _____.

f) Todos os nossos produtos passam por um rigoroso _____.

g) É só uma _____ até ele decidir aceitar o emprego em Porto Alegre.

h) Sempre achei o André bonito, mas hoje na festa ele estava _____!

i) Só mesmo tendo _____ para ouvir tantos desaforos sem perder a calma.

j) Antes de comer o queijo, veja se ele ainda está dentro do _____.

l) Só porque é mais tímido, o Henrique sempre foi o _____ dos outros meninos da escola.

m) Foi mesmo um _____ conseguir um táxi àquela hora, debaixo de chuva.

n) Gosto de trabalhar com a Rita porque, mesmo nos momentos mais difíceis, ela não perde o _____.

o) Temos de encontrar um _____ a verdade sem ferir os sentimentos dos outros.

p) Antônio nunca deixou de cumprir suas promessas, sempre foi um _____.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA - 04

Vilarejo

Marisa Monte

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonhos semeando o mundo real

Toda gente cabe lá
Palestina, Xangri-Lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar

Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção

Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

1. Procure o significado da palavra *paraíso*:
2. Qual uso de *paraíso* foi empregado no texto?
3. O que a autora quis dizer com *Paraíso se mudou para lá*?
4. Para um lugar ser considerado um *paraíso*, por você, que características esse lugar deveria ter?
5. Utilizando o dicionário, forme novas palavras:

PALAVRA PRIMITIVA	PALAVRA DERIVADA
Vila	Vilarejo
Vento	
Casa	
Porta	
Flor	
Canção	
Real	

6. Agora, escolha três das palavras usadas na questão anterior e forme um período coerente:

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA - 05

Águas de março
Tom Jobim

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol
É peroba do campo, o nó da madeira
Caingá candeia, é o Matita-Pereira

É madeira de vento, tombo da ribanceira
É o mistério profundo, é o queira ou não queira
É o vento ventando, é o fim da ladeira
É a viga, é o vão, festa da cumeeira

É a chuva chovendo, é conversa ribeira
Das águas de março, é o fim da canseira
É o pé, é o chão, é a marcha estradeira
Passarinho na mão, pedra de atiradeira

É uma ave no céu, é uma ave no chão
É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão
É o fundo do poço, é o fim do caminho
No rosto um desgosto, é um pouco sozinho

É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto
É um pingo pingando, é uma conta, é um conto
É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando
É a luz da manhã, é o tijolo chegando
É a lenha, é o dia, é o fim da picada
É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada
É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama

É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um resto de mato na luz da manhã
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto do toco, é um pouco sozinho
É uma cobra, é um pau, é João, é José
É um espinho na mão, é um corte no pé
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um belo horizonte, é uma febre terça
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho

Pau, pedra, fim do caminho
Resto de toco, pouco sozinho
Pau, pedra, fim do caminho
Resto de toco, pouco sozinho

Pedra, caminho
Pouco sozinho

Pedra, caminho
Pouco sozinho
Pedra, caminho
É o toco...

1. Agora, observe as palavras seguintes:

*pau – pedra – toco – vidro – vida – sol – noite – laço – anzol – peroba – vento – ribanceira
– mistério – ladeira – viga – cumeeira – canseira – ave – regato – fonte – poço – estrepe –
prego – peixe – tijolo – lenha – garrafa – promessa – passo – ponte – sapo – rã – conversa –
chuva*

a) Selecione, dentre as palavras do quadro, aquelas desconhecidas por você e verifique no dicionário os significados delas:

b) Crie três listas temáticas e separe as palavras do quadro de acordo com o tema. Dê nome às suas listas.

c) Acrescente a cada lista duas palavras pertencentes a ela:

2) Usando palavras da questão 1, escreva um parágrafo em que você conte sobre uma suposta enchente que aconteceu na sua cidade:

3) Agora, você criará outras três listas temáticas e, se preciso com o auxílio do dicionário, encaixe 9 palavras cabíveis a cada uma delas:

LISTA A:	LISTA B:	LISTA C:

4) O título “Águas de março” refere-se a um acontecimento típico do verão, no mês de março, no Brasil, em especial, na cidade do Rio de Janeiro. Você conseguiu descobrir do que se trata?

5) Os **substantivos** abstratos presentes na música, descritos a seguir, podem se transformar em **verbos**. Faça essa transformação:

a) caminho:

b) resto:

c) morte:

d) tombo:

e) vento:

f) conversa:

g) fim:

h) canseira:

6) Forme frases, escolhendo pares de palavras que você formou no exercício 5. O *par* de palavras deve constar numa mesma frase:

a) Par 01:

b) Par 02:

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 06

Pro dia nascer feliz

Roberto Frejat

Todo dia a insônia
Me convence que o céu
Faz tudo ficar infinito
E que a solidão
É pretensão de quem fica
Escondido fazendo fita

Todo dia tem a hora
Da sessão coruja
Só entende quem namora
Agora vão'bora

Estamos meu bem por um triz
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz

O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir

Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Ah! Essa é a vida que eu quis
Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vai e vem dos teus quadris

Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente
Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz

1. Observe o trecho “ (...) a solidão é pretensão de quem fica escondido fazendo fita ...”. Procure no dicionário o significado das seguintes palavras:

- a) pretensão
- b) fita

2) Reescreva o trecho destacado na questão 1, substituindo as palavras “pretensão” e “fita” por outras de sentido semelhante:

3) “Me dê de presente o teu bis / Pro dia nascer feliz”. No trecho anterior, observe a palavra “bis”. Localize o significado dela no dicionário e reescreva o trecho de modo a substituí-la pelo seu significado. Observe que você terá que alterar outros termos do trecho para que a reescrita seja possível.

4) Na visão do eu-lírico, o que é preciso “pro dia nascer feliz”?

5) Que palavra da música representa mais fielmente a resposta da questão anterior?

6) “Estamos meu bem por um triz / Pro dia nascer feliz”. Com base no dicionário, escreva o significado da palavra “triz”.

7) É possível usar a palavra “triz”, em uma frase, sem que ela faça parte de uma expressão? Tente reescrever o trecho trocando a expressão *por um triz* por outra de sentido equivalente.

8) Observe a palavra *pro*. Localize-a no dicionário e transcreva as informações que você encontrou.

9) Agora, como aconteceu com a palavra *pro*¹⁹, as palavras escritas a seguir também são resultados de junções. Descubra as palavras que as formaram:

a) pra –

b) num –

c) nelas –

d) desse –

e) naqueles –

f) nos –

10) Formule frases empregando as palavras do exercício anterior.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA - 07

Malandragem

Frejat e Cazuza

(canção conhecida na voz da cantora Cássia Eller)

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da escola sozinha
Cansada com minhas meias três quartos
Rezando baixo pelos cantos
Por ser uma menina má
Quem sabe o príncipe virou um chato
Que vive dando no meu saco
Quem sabe a vida é não sonhar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem

¹⁹ Inserimos aqui palavras gramaticais porque elas, muitas vezes, são um elo de ligação a unidades lexicais compostas e complexas.

Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Bobeira é não viver a realidade
E eu ainda tenho uma tarde inteira
E eu ando nas ruas
Eu troco cheque
Mudo uma planta de lugar

Dirijo meu carro
Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo pra cantar
Pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Eu ando nas ruas
Eu troco cheque
Mudo uma planta de lugar

Dirijo meu carro
Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo pra cantar
Pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

1. Observe a palavra *malandragem*. Nela há uma terminação, *-agem*, chamada de sufixo. Trata-se de um elemento acrescentado ao morfema lexical ou radical (parte principal da palavra, que contém o sentido geral dela, formando novas palavras. Observe os casos seguintes, que exemplificam isso:

Radical	Sufixo	palavra formada
cas-	-inha	Casinha
deng-	-oso	Dengoso

martel-	-ada	Martelada
---------	------	-----------

Os sufixos formam palavras que possuem características em comum. Por exemplo, o sufixo – *inha* designa palavras que estão no grau diminutivo, por exemplo: *menininha*, *cadeirinha*, *tesourinha*.

Agora, procure no dicionário o significado da palavra *malandragem* e transcreva-o.

2. De que palavra derivou *malandragem*?

3. A que classe gramatical pertence a palavra primitiva de *malandragem*? Essa palavra só pode pertencer a essa classe? Justifique sua resposta.

4. Observe as palavras seguintes:

moleque – seco – aterrissar – sacana – sabotar – folha – clonar – mestiço – língua – lista – bandido – tecer – vassalo

Procure o significado, no dicionário, das palavras desconhecidas por você e as insira nas colunas a seguir:

verbo	Substantivo	adjetivo

5. Acrescente às palavras da questão anterior o sufixo –*agem*:

Moleque	
Seco	
Aterrissar	
Sacana	
Sabotar	
Folha	
Clonar	
Mestiço	

Língua	
Lista	
Bandido	
Tecer	
Vassalo	

6. Forme uma frase com cada palavra utilizada na segunda coluna do exercício anterior. Para auxiliar a execução da atividade, use o dicionário sempre que julgar necessário.
7. Descubra e escreva o que essas palavras têm em comum em seus significados.
8. Responda: O que o título tem a ver com a letra da música que você leu?
9. Que palavra do texto, em especial, se opõe à *malandragem* do eu-lírico?
10. Que ações do eu-lírico comprovam que ele não é mais uma criança?

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA - 08

O bêbado e a equilibrista

João Bosco e Adir Blanc

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos...

A lua
Tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel

E nuvens!
Lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco!
O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil.
Meu Brasil!...

Que sonha com a volta
Do irmão do Henfil.

Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora!
A nossa Pátria
Mãe gentil
Choram Marias
E Clarices
No solo do Brasil...

Mas sei, que uma dor
Assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança...

Dança na corda bamba
De sombrinha
E em cada passo
Dessa linha
Pode se machucar...

Azar!
A esperança equilibrista
Sabe que o show
De todo artista
Tem que continuar...

1. “Caía a tarde feito um viaduto / E o bêbado *trajando luto*”. Observe as palavras destacadas no trecho e procure no dicionário o significado delas.

2. Como apareceu a palavra *trajando*, no dicionário?

3. Observe as palavras seguintes: regozijando – suprimindo – descendendo – antepondo.

Procure-as no dicionário e faça o que se pede:

a) Como elas aparecem grafadas no dicionário? Por quê?

b) Copie os significados delas do dicionário. Caso tenha mais de um significado, escolha apenas um deles.

c) Forme frases com essas palavras, como elas aparecem transcritas nesta questão.

4. Agora, verifique no dicionário o significado da palavra **luto**.
5. Com base na resposta à questão anterior, realize as seguintes atividades:
- a) Na frase “E o bêbado trajando luto”, as palavras **trajando** e **luto** estão sendo usadas no sentido real ou figurado? Justifique sua resposta.
 - b) Escreva frases com as palavras destacadas no item a, usando-as em seu sentido real.
 - c) Você conhece o personagem Carlito, do ator Charlie Chaplin? Se não conhece, pesquisa na *internet* quem foi esse ator e também seu personagem Carlito.
 - d) O que o eu-lírico quis dizer com (...) **o bêbado trajando luto**?
6. Observe o trecho: “Mas sei que uma dor assim **pungente** / Não há e ser inutilmente (...)”. Qual o significado da palavra destacada?
7. Reescreva o trecho, substituindo a palavra destacada por outra de sentido equivalente.
8. Em “Dança na corda bamba de sombrinha”, pesquise no dicionário o significado de **bamba**.
9. Crie frases usando a palavra **bamba** em seus outros sentidos.
10. Releia o trecho em destaque na música e faça o que se pede:
- a) Procure no dicionário o significado das palavras:
mata-borrão:
chapéu-coco:
irreverências:
 - b) Agora, explique o que o autor quis nos transmitir de informação neste trecho em destaque.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 09

Tocando em frente
Renato Teixeira

Ando devagar porque já tive pressa
Levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Eu nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou
Estrada eu sou.

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz.

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.

1. O título da música contém um verbo no gerúndio (terminação *-ndo*). Transcreva do dicionário o significado dele.

2. A palavra *tocando* está ligada a uma atividade típica de homem do campo. Que atividade é essa? Que palavra, na letra da música, a substitui sem nenhuma alteração de sentido?

3. No trecho: “Penso que cumprir a vida seja simplesmente / Compreender a marcha e ir tocando em frente”. Sobre ele, faça o que se pede:

- a) Procure no dicionário o significado da palavra *marcha*.
- b) Troque *marcha* por outra palavra de sentido equivalente.
- c) Escreva uma frase em que *marcha* esteja sendo utilizada em sentido seu outro sentido.
4. “Cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz”. A palavra *carregar*, no trecho anterior, está sendo usada em que sentido? Explique.
5. Procure no dicionário o significado da palavra *carregar* e transcreva as acepções que não estejam de acordo com a da música.
6. Agora, reescreva o mesmo trecho, substituindo a palavra em destaque por outras possíveis.
7. A partir das palavras a seguir, procure no dicionário as que são da mesma família semântica.
- a) flor:
- b) pulsar:
- c) paz:

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 10

Infinito particular

Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown

Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro, o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler

Faça sua parte
Eu sou daqui, eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

Em alguns instantes
Sou pequenina e também gigante
Vem, cara, se declara
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha a minha cara
É só mistério, não tem segredo

Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

1. Para iniciarmos as atividades, procure no dicionário o significado das seguintes palavras:

a) eis:

b) quilate:

c) retrate:

d) porta-bandeira:

e) infinito:

f) portátil:

g) ler:

h) particular:

2. Observe o vocábulo *quilate*. Essa palavra “valoriza” o eu-lírico do poema? Por quê?

3. Em “Vem, cara, me retrate”, a palavra “retrate” está sendo usada em que sentido? Há ligação de sentido entre “retrate” e “ler”, que aparecem na 1ª estrofe da música? Justifique.

4. A partir do significado da palavra *ler*, observado no exercício 1, explique o que o eu-lírico quis dizer na frase “Eu não sou difícil de ler”.

5. A palavra *impossível* representa uma negação ou uma afirmação? Que pedaço da palavra representa essa resposta?

6. Crie outras palavras, usando o mesmo artifício usado na palavra *impossível*. Consulte o dicionário para auxiliar nesta tarefa.

Possível	<i>Impossível</i>
Tolerante	
Questionável	
Perceptível	
Ativo	
Culto	

7. Selecione palavras da atividade anterior, de colunas diferentes, e forme frases.

8. A partir do significado de “porta-bandeira”, explique o trecho *Sou porta-bandeira de mim*.

9. Procure no dicionário outras palavras compostas formadas pela palavra *porta*, como em *porta-bandeira*.

10. No exercício 1, você observou os significados das palavras *infinito* e *particular*. Tendo em vista o que você encontrou e a letra da música, responda?

a) O eu-lírico pode ser considerado, pelo seu interlocutor, uma pessoa *fácil* de ser entendida? Justifique sua resposta.

b) Que palavra do trecho o meu *infinito particular*, reforça a palavra “particular”?

11. Na última estrofe, o eu-lírico permite que seu interlocutor “entre”, convidando-o., porém dá um alerta. Que verso da mesma estrofe representa esse alerta? Que palavra do verso representa o “perigo” para a pessoa a quem o eu-lírico se dirige? Explique sua resposta com base no significado que essa palavra possui no dicionário.

12. Reescreva o trecho a seguir, substituindo as palavras em destaque por outras de sentido equivalente. Faça isso com o auxílio do dicionário.

Vem cá, não tenha *medo*

A água é *potável*

Daqui você pode *beber*

Só não se perca ao *entrar*

No meu infinito *particular*

Agora, verifique se a estrofe ficou muito alterada para a música e explique seu posicionamento.

13. Em “O mundo é *portátil* pra quem não tem nada a esconder” A partir do significado da palavra *portátil*, explique o possível sentido do trecho acima que o autor quis dar ao texto.

14. Reescreva o trecho citado na questão anterior, substituindo a palavra destacada por pelo menos três palavras ou expressões de sentido equivalente, mesmo que seja preciso fazer adequações na frase.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – AULA 11

Certas coisas

Lulu Santos e Nelson Motta

Não existiria som
Se não houvesse o silêncio
Não haveria luz
Se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim,
Dia e noite, não e sim

Cada voz que canta o amor não diz
Tudo o que quer dizer,
Tudo o que cala fala
Mais alto ao coração.
Silenciosamente eu te falo com paixão

Eu te amo calado,
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncios e de luz.
Nós somos medo e desejo,
Somos feitos de silêncio e sons,
Tem certas coisas que eu não sei dizer

A vida é mesmo assim,
Dia e noite, não e sim

1. Como você pode perceber, a letra da música é baseada em palavras e expressões opostas. Para construir essa poesia, os autores utilizaram uma figura de linguagem chamada de *antítese*. Procure no dicionário o significado dessa palavra.

2. Agora, observando a letra da música, estabeleça no quadro a seguir as palavras, frases, expressões que contrapõe entre si:

--	--

3. Escolha 2 palavras que você usou no exercício anterior e procure no dicionário o significado delas. Em seguida, forme frases, utilizando os significados encontrados.

4. Observe as palavras do quadro seguinte. Com o auxílio do dicionário, escreva palavras contrárias a elas. Para isso, verifique seus significados.

estático	
inteiro	
vida	
amor	
dizer	

5. “A vida é mesmo *assim*”. Com base neste trecho da canção, faça o que se pede.

- Verifique o significado da palavra destacada, no dicionário.
- Que palavra ou expressão pode substituir *assim*?
- Que termos da última estrofe, explicam a palavra em negrito?
- Para o eu-lírico, como a vida é encarada? Explique, justificando sua resposta com elementos do texto.

6. Veja a seguinte estrofe:

Cada voz que canta o amor não _____
 Tudo o que _____ dizer,
 Tudo o que cala _____
 Mais alto ao coração.
 _____ eu te falo com paixão

Substitua os espaços em branco por palavras ou expressões equivalentes, diferentes das utilizadas pelo autor. Para tanto, use o dicionário.

7. Agora, vamos brincar com as palavras. Crie situações opostas, a partir das frases já iniciadas, conforme se pode verificar na música *Certas coisas*. Se preciso, consulte o dicionário.

a) Vive reclamando que anda, mas_____.

b) Sempre diz que não é egoísta e_____.

c) Tudo que não se enxerga_____.

d) A vida é feitas de luzes e_____.

e) Não haveria criminosos se_____.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 12

Problema social Fernandinho e Guará

Se eu pudesse eu dava um toque em meu destino
Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão
Nem o bom menino que vendeu limão e
Trabalhou na feira pra comprar seu pão

Não aprendia as maldades que essa vida tem
Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém
Juro que nem conhecia a famosa FUNABEM
Onde foi a minha morada desde os tempos de neném
É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem
Se eu pudesse eu tocava em meu destino
Hoje eu seria alguém

Seria eu um intelectual
Mas como não tive chance de ter estudado em colégio legal
Muitos me chamam pivete
Mas poucos me deram um apoio moral

Se eu pudesse eu não seria um problema social

Se eu pudesse eu não seria um problema social

1. “Se eu pudesse eu dava um *toque* em meu *destino*”. Levando em conta o significado das palavras destacadas, no dicionário, explique o que o autor quis dizer neste trecho?

2. Escreva frases com a palavra *toque*, explorando os diferentes sentidos desse termo.

3. Observe o trecho a seguir:

Não seria um peregrino nesse imenso mundo *cão*

Nem o bom menino que vendeu limão e

Trabalhou na feira pra comprar seu pão

Procure no dicionário o significado da palavra *cão* e tente explicar seu sentido no texto.

4. A expressão *comprar seu pão* na 1ª estrofe representa uma forma de dizer algo, trocando-se o todo pela parte. Pense e responda:

a) O que significa a palavra *pão* no texto?

b) Pesquise e escreva outras expressões populares em que é usada essa palavra. Auxilie-se pelo dicionário.

5. Pesquise o significado do termo FUNABEM. Em seguida, retire do dicionário o significado da palavra *menor*.

6. O que o menino do texto seria se não fossem os problemas pelos quais passou? Retire do texto a palavra que representa isso. Depois, procure no dicionário o significado dessa palavra.

7. Como num dicionário, tente explicar o significado das expressões elencadas abaixo. Se encontra-las no dicionário, proceda à leitura do significado e organize sua resposta.

a) dar um toque:

b) mundo cão:

c) ser alguém:

d) apoio moral:

8. “Onde foi a minha morada desde os tempos de neném”. Pesquise no dicionário o significado da palavra morada.

9. A que palavra *morada* se refere? Por que o menino do texto julga esse lugar sua morada?

10. Releia o seguinte trecho da canção:

Seria eu um intelectual
Mas como não tive *chance* de ter estudado em colégio legal
Muitos me chamam pivete
Mas poucos me deram um apoio moral
Se eu pudesse eu não seria um problema social

a) Procure o significado da palavra destacada no trecho e transcreva-o.

b) Que outra palavra, na sua opinião, substituiria melhor esse termo. Justifique sua resposta.

c) Explique com elementos do texto: Por que o menino seria um “problema social”?

d) Com base no dicionário, que palavras ou expressões podem representar a palavra *social* no trecho?

11. Usando palavras, expressões e frases que você verificou nos textos e no dicionário, e outras criadas por você, é claro, escreva um pequeno texto sobre “o problema dos meninos de rua no Brasil”. Para norteá-lo, você deverá, no seu texto, registrar as seguintes informações: Quem são? Por que motivo estão nas ruas? Eles representam um problema para a sociedade? O que deveria ser feito para que eles não estivessem nas ruas?

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 13

Casa no campo

Zé Rodrix

Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa compor muitos rocks rurais
E tenha somente a certeza
Dos amigos do peito e nada mais

Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa ficar no tamanho da paz
E tenha somente a certeza
Dos limites do corpo e nada mais

Eu quero carneiros e cabras
Pastando solenes no meu jardim
Eu quero o silêncio das línguas cansadas
Eu quero a esperança de óculos
E meu filho de cuca legal
Eu quero plantar e colher com a mão
A pimenta e o sal

Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau-a-pique e sapé
Onde eu possa plantar meus amigos

Meus discos e livros e nada mais

Onde eu possa plantar meus amigos
Meus discos, meus livros e nada mais
Onde eu possa plantar meus amigos
Meus discos e livros e nada mais

1. Localize no dicionário o significado da palavra *campo*.
2. Copie do texto as palavras que, na sua opinião, estão ligadas ao campo semântico da palavra *campo* na música:
3. Agora, classifique essas palavras, separando-as nos quadros seguintes, estabelecendo um critério para essa separação.
4. Releia:

Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau-a-pique e sapé
Onde eu possa *plantar* meus amigos
Meus discos e livros e nada mais

Após verificar no dicionário o significado da palavra em destaque, explique a relação de sentido que estabelece com as palavras *amigos*, *discos* e *livros*.

5. As palavras a seguir têm mais de um significado. Formule frases, contemplando os diferentes significados delas. Use o dicionário.
 - a) campo:
 - b) língua:
 - c) colher:

6. Analise os seguintes versos:

Eu quero carneiros e cabras
Pastando solenes no meu jardim
Eu quero o silêncio das línguas cansadas
Eu quero a esperança de óculos
E meu filho de cuca legal
Eu quero plantar e colher com a mão
A pimenta e o sal

Responda:

- a) Selecione as três palavras que, na música, representam a ação do tempo na visão do eu-lírico.
- b) Qual dessas três palavras representa um tempo de maior duração? Justifique.
- c) No trecho *E meu filho de cuca legal*, localize no dicionário a palavra cuca. Se fôssemos pensar em dois períodos da vida: juventude e velhice, a qual desses períodos, na música, a palavra estaria mais ligada.

7. Que tal agora produzir um texto, parafraseando a música estudada. O título será “Casa na cidade”. Pense em palavras e expressões que fazem parte dessa atmosfera e baseando-se na forma como foi escrita a música, faça a sua criação. Utilize o dicionário para auxiliar na seleção do vocabulário.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 14

Cio da terra

Chico Buarque e Milton Nascimento

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana

Roubar da cana a doçura do mel

Se lambuzar de mel

Afagar a terra

Conhecer os desejos da terra

Cio da terra, propícia estação

E fecundar o chão

1. Verifique no dicionário o significado das palavras *cio* e *terra*.
2. Separe em duas colunas as palavras do texto pertencentes às classes gramaticais dadas, relacionando-as entre Si, de acordo com a letra da música.

VERBO	SUBSTANTIVO

3. Agora, selecione as palavras desconhecidas por você e as procure no dicionário.
4. Que palavras do texto estão ligadas a ações referentes à lida do homem no campo?
5. Que palavras representam produtos coletados diretamente pelo homem do campo?
6. Que palavras representam produtos coletados diretamente pelo homem do campo?
7. Que imagem você teve do homem do campo pela música? Positiva ou negativa? Justifique sua resposta com elementos do texto.

8. Releia:

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se ***fartar*** de pão

a) Com o auxílio do dicionário, reescreva o trecho, trocando os verbos destacados por outros de sentido equivalente.

b) Na sua opinião, por que, para o autor, o *pão* é um *milagre*? Que palavra da estrofe em questão representa fortemente esse *milagre*?

9. A partir dos verbos a seguir, escreva pelo menos dois substantivos que tenham alguma relação de sentido com eles. Auxilie-se pelo dicionário.

Atacar	
Resolver	
Prevenir	
Cuidar	
escolher	
perseguir	
Delatar	
apontar	
substituir	
encontrar	

10. Agora selecione quatro palavras do quadro anterior e crie um único período, coeso e coerente, com todas elas.

ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 15

Festa no interior
Abel Silva e Moraes Moreira

Fagulhas, pontas de agulhas
Brilham estrelas de São João
Babados, xotes e xaxados
Segura as pontas, meu coração
Bombas na guerra-magia
Ninguém matava, ninguém morria

Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor
Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor

Ardia aquela fogueira que me esquentava
A vida inteira, eterna noite
Sempre a primeira festa do interior
Ardia aquela fogueira que me esquentava
A vida inteira, eterna noite
Sempre a primeira festa do interior

1. Verifique o significado das seguintes palavras:

- a) fagulhas:
- b) babados:
- c) xote:
- d) xaxado:
- e) guerra-magia:
- f) trincheiras:
- i) interior:

2. Que significado da palavra *interior* mais se encaixa ao texto?

3. Que palavra do título nos remete às danças citadas na música?

4. Observe o trecho destacado:

Nas trincheiras da alegria

O que explodia era o amor

Nas trincheiras da alegria

O que explodia era o amor

a) Que palavras estão ligadas à ideia de *guerra*?

b) Que palavras contrapõem-se a esta ideia?

c) A partir das respostas anteriores, explique o que o autor quis transmitir neste trecho?

5. Que expressões da 1ª estrofe nos mostram que não se trata de uma guerra propriamente dita?

6. Observe a palavra alegria e faça o que se propõe a seguir:

a) A que classe de palavras pertence *alegria*?

b) E a palavra *alegre*? A que classe pertence?

c) Forme substantivos a partir dos adjetivos dados, quando possível. Se preciso, consulte o dicionário.

ADJETIVO	SUBSTANTIVO
alegre	Alegria

eterna	
pequeno	
esperto	
Sagaz	
querido	
danado	
estúpido	
esplêndido	
Legal	
Bruto	
Gostoso	

7. Formule frases, usando as palavras da 1ª e da 2ª coluna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe à tona, na minha prática enquanto professor de Língua Portuguesa, a reflexão sobre o quanto perdemos, muitas vezes, tempo nas aulas com situações de ensino da língua que não contribuirão de fato para o desenvolvimento de habilidades comunicativas do nosso aluno. Práticas estas que, quando não dificultam a assimilação por parte do educando, acabam por desmerecer a importância da aprendizagem discursiva no espaço privilegiado das aulas de Língua Portuguesa e não habilitam o aluno a escrever e falar de forma eficaz. E, como se não bastasse, instrumentos ao alcance do professor dentro da escola não são valorizados pelo educador e quando o são, acontecem de forma limitada.

Outro aspecto a ser destacado aqui é a falta de preparo do aluno em utilizar o dicionário, o que se deve à falta de prática ou de informação mesmo por parte da escola. Nesse sentido, o trabalho contribui significativamente com o aluno na medida em que, ao encontrar as palavras, o professor o instiga a querer identificar as várias informações que ali aparecem. Esse procedimento informativo aproxima o aluno desse instrumento porque esclarece sua organização.

Também não menos importante se faz dizer que a contribuição do aluno com os exemplos de seu cotidiano foram trocas fantásticas de experiências que, ao mesmo tempo possibilitaram interações de situações pessoais e outras típicas da vida em comunidade, características da cultura do lugar. Essa prática oral, e ao mesmo tempo escrita quando o aluno organiza suas discussões no papel, é de grande valor no desenrolar da comunicação do aluno consigo mesmo e, é claro, com os outros. Isso mostra que tanto a oralidade quanto a escrita são contemplados nessa pesquisa, o que o torna um trabalho completo.

De que adianta saber a classe gramatical, a função sintática ou realizar formação de frases de forma desconexa se a base de tudo isso na língua, a palavra, não é lapidada tal qual deveria? Se nem sequer o aluno conhece as palavras e sabe utilizá-las a seu favor? É a palavra e seu uso que dão sentido à língua e é na palavra que encontramos o sentido para o ensino nas aulas de língua materna de forma consciente e eficaz, a fim de que sejam formados cidadãos responsáveis e competentes, capazes de se posicionar diante do mundo em seus diversos discursos e de se valorizarem enquanto falantes de uma língua que o identificam enquanto participantes de uma nação.

O professor de Língua Portuguesa tem em mãos, como sua principal ferramenta de trabalho, a palavra. Ninguém melhor que o professor de língua materna para se apoderar desse elemento indispensável à comunicação e ser o elo entre ele e seu usuário. O Programa Nacional do Livro Didático disponibilizou às escolas públicas dicionários de primeiríssima qualidade tanto na produção de conteúdo quanto na confecção do material, e em quantidade suficiente para ser utilizado pelo aluno, individualmente. Ele (o dicionário) está ao alcance, portanto, de professores e alunos, para que estes desenvolvam atividades diversas, guiando-se pelo material de assessoria pedagógica que acompanha, produzido por especialistas na área. Ao professor, resta embasar-se e aplicar as propostas didáticas, além de criar outras a partir do que está exposto. O estudo sobre léxico e vocabulário não é algo recente. Pelo contrário, a literatura sobre o assunto vem de muito tempo, sempre no sentido de considerar a palavra como elemento preponderante para a aprendizagem da língua e para o desenvolvimento da linguagem humana.

Mesmo assim, pudemos perceber pelas entrevistas e pela dificuldade que os alunos tiveram para realizar as atividades, principalmente se formos levar em conta a série em que estão, que a escola ainda não tem dado ao dicionário o lugar que ele merece, o que se agrava mais ainda quando percebemos que os próprios professores de línguas não os usam devidamente, restringindo este instrumento de estudos a mero banco de dados e os alunos a simples consulentes sem reflexão sobre a ação da palavra consultada. Lembramos que aqui não nos referimos à palavra somente, isolada, mas a ela enquanto peça fundamental de um texto, daí as atividades terem sido pensadas a partir de textos, especificamente, letras da MPB, por este autor entender a música como um recurso didático que desperta interesse no aluno, além de (in)formá-lo quanto à riqueza e diversidade musical do seu país. Nada mais propício que encontrar, na escola, o lugar ideal para o desenvolvimento desse tipo de trabalho.

Outro aspecto importante a se destacar é que os alunos partícipes da pesquisa são pertencentes ao sexto ano do Ensino fundamental, o que nos leva a esperar, no mínimo, que estes saibam proceder à busca de palavras, e mais: que saibam compreendê-la no âmbito do texto e que sejam capazes de prosseguir o entendimento por intermédio de produções próprias, o que não se observou na maioria dos casos. Podemos depreender daí um problema não menos conhecido da educação pública brasileira como um todo, que não é objeto deste trabalho: a abordagem indevida ou inexistente do dicionário nas séries iniciais do Ensino Fundamental, sabendo-se que o Programa Nacional do Livro Didático que contemplou os dicionários também o fez para essa fase do ensino. E mais: se o aluno não tem feito

eficientemente o uso do dicionário nas aulas de Língua Portuguesa, quiçá o tenham feito nas outras disciplinas. Fica aqui um caso a se pensar para um próximo momento.

Em todo caso, é primoroso afirmar que este trabalho não apenas retorna velhas discussões acerca do ensino do ensino de vocabulário na escola, como também faz emergir reflexões e ações didático-pedagógicas voltadas ao ensino do léxico, mostrando ao professor que, com o dicionário, além de ele não precisar deixar de lado a sua sempre companheira gramática, até porque ela tem seu lugar ao sol no ensino da língua, pode de forma completa e objetiva estimular a leitura, despertar a curiosidade no aluno, estabelecer relações morfossintáticas com a semântica, induzir o aluno à compreensão de textos e ainda auxiliá-lo na produção escrita. É por esse motivo a ferramenta aqui enaltecida um instrumento completo para o ensino da Língua Portuguesa, contemplando aspectos da oralidade e da escrita, Trata-se, assim, de um recurso metodológico de grande valia para a real aprendizagem do discente.

Por fim, valioso se faz dizer que esta obra, após todas as observações e reflexões feitas, não pretende ser um fim em si mesma, mas um meio, uma fomentadora de outras ações com o uso do dicionário em sala de aula e, principalmente, incentivadora e orientadora do professor, que precisa urgentemente desenvolver o costume, o gosto investigativo, a obstinação em relação aos fatos da língua, com uma metodologia clara, direcionada e didaticamente sequenciada, que contribuam significativamente com a interação no seio da escola, dando ao aluno a proficiência para o uso do dicionário e, conseqüentemente, para o uso do léxico da sua língua no exercício da linguagem. Este exercício e a importância do papel do professor nesse processo se revelam no discurso de Coroa (2011, p. 67), que afirma o seguinte: “escolher a palavra certa implica situar-se, a si mesmo e a seu interlocutor, num lugar específico, que tem implicações discursivas e, conseqüentemente, sociais e ideológicas”. Ora, se essa “escolha” se der pelo uso do dicionário, influenciada por fatores históricos, sociais e culturais, igualmente contemplados nesse instrumento, é mister ressaltar mais uma vez o lugar que ele (o dicionário) merece ter no espaço escolar e, obviamente, o mérito do professor na organização desse trabalho.

Por fim, vale afirmar que a (res)significação das práticas de sala de aula no ensino e na aprendizagem da língua materna com o uso dos dicionários escolares confere ao aluno independência na análise, na seleção e na aplicação de seu vocabulário nas situações de produção da fala e da escrita, sejam elas formais ou informais, dentro ou fora da escola, sempre no sentido de ampliar o conhecimento lexical do estudante, em todas as suas matizes, desde a ortografia, passando pelo seu comportamento na construção gramatical das sentenças

enunciadas pelo ser humano, até as diversas possibilidades de sentido impostas pela tradição linguística ou (re)criadas pelo homem a partir de seus próprios interesses nas relações comunicativas.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Anais do XV CNLF*, vol. XV, nº 05, t. 02. Rio de Janeiro: 2011, p 1332.
- ANTUNES. Irandé. *Território das palavras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BIDERMAN. Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. IN: *ALFA: Revista de Linguística. Lexicografia e Lexicologia. (Suplemento)*. São Paulo, v. 28, 1984, p. 1-27.
- BIDERMAN. Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: *Filologia e linguística portuguesa*. São Paulo: Revistas USP. n. 2. 1998. p. 81-118.
- BIDERMAN. Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M; Silva, F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ªed.Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*, Brasília (DF): MEC/SEF, 1998.
- CANO, Waldenice Moreira. Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos. In: *Anais do 1º encontro nacional de terminologia da ANPOLL*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Dicionários escolares: definição oracional e texto lexicográfico. In: *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. CARVALHO, Orlene de S. C; BAGNO, Marcos. (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene de S. C; BAGNO, Marcos. (orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *O ensino do vocabulário: um estudo em turmas de 8ª série do ensino fundamental da cidade de Naviraí (MS)*. (Monografia de Especialização). 1999. 103 p. Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *O ensino do vocabulário nas aulas de Língua Portuguesa: da realidade a um modelo didático*. Tese. 2011. 275 f. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdades de Ciências e Letras, Araraquara.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cutrix, 1978.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GERALDI, João Wanderlei Geraldi. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GOMES, Patrícia Vieira Nunes. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, Orlene de S. C; BAGNO, Marcos. (orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ILARI, Rodolfo; CUNHA, Maria Luiza. Algumas ideias avulsas sobre a aquisição do léxico. In: CARVALHO, Orlene de S. C; BAGNO, Marcos. (orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011

ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocony (ORG). Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: *As Ciências do Léxico*. Vol. IV. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

LEFFA, Vilson J. *As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000.

POTTIER, Bernard. *Linguística Geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Universidade de Santa Úrsula, 1978.

RANGEL, Egon de Oliveira. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene de S. C; BAGNO, Marcos. (orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Theasurus, 2004.

ANEXOS²⁰

ANEXO I - PERFIL DA ESCOLA

1 – ESCOLA

2 - Data de fundação: __ / __ / __

3 - Número de alunos matriculados no ano de 2016: _____

3.1 - Ensino Fundamental: _____

3.2 - Ensino Médio: _____

3.3 - Número de alunos matriculados na 8ª. série do Ensino Fundamental:

4 - Quantas turmas de 6º. ano há na escola?

4.1 - Período matutino:

4.2 - Período vespertino:

4.3 - Período noturno:

5 - Quantos professores de Língua Portuguesa trabalham na escola?

6 - Quantos professores dão aulas especificamente na 6º. ano?

7 - Qual é o número de aulas semanais destinadas ao ensino de Língua Portuguesa na escola?

8 - Existe na escola um coordenador responsável especificamente para o ensino de Língua

²⁰ Os instrumentos anexos foram adaptados de Dargel (2009).

Portuguesa?

9 - Qual trabalho ele realiza para dar suporte pedagógico ao professor de Língua Portuguesa?

**ANEXO II - ROTEIRO DAS PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA COM OS
ALUNOS**

NOME:

IDADE:

1 - Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

2 - Do que você mais gosta nas aulas de Língua portuguesa? Por quê?

3 - O que você faz quando não entende uma palavra durante as aulas de Língua Portuguesa?

4 - Você geralmente pergunta para o seu professor quando não entende o uso ou o significado de uma palavra?

5 - Você sempre aprende palavras novas nas aulas de Língua Portuguesa?

6 - Em qual momento da aula é comum acontecer isso?

6 - Depois que você aprende uma palavra nova, começa a usá-la?

- Você lembra alguma palavra nova que aprendeu? Qual?

9 - Você tem dicionário?

8

10 – Você sabe usar o dicionário? Como é que se usa?

11 - Você gosta de pesquisar no dicionário?

11 - Como você gostaria que transcorressem as aulas de Língua Portuguesa?

12 – Seu professor de Língua Portuguesa sempre leva dicionário para a sala de aula?

13 – Você costuma consultar o dicionário na biblioteca?

14 – Como seu professor de Língua Portuguesa ensina o significado de palavras novas para você?

15 – Conte alguma atividade que seu professor desenvolveu para ensinar o significado de palavras desconhecidas de que você gostou muito.

ANEXO III - QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR

1 - Como você realiza as aulas de leitura?

2 - Como é trabalhado o ensino de vocabulário nas aulas de Língua portuguesa? Há algum momento em suas aulas destinado especificamente ao ensino do vocabulário? Como é feito isso?

3 - Quantas aulas são destinadas para a leitura durante a semana?

4 - O que você entende por aula de leitura?

5 - Há interesse por parte dos alunos nas aulas de leitura?

6 - Como eles demonstram esse interesse?

7 - De que forma é trabalhada a dúvida do aluno a respeito de uma determinada palavra?

8 - Seus alunos possuem dicionário?

9 - Eles sabem como usar o dicionário?

10 - Você incentiva o uso do dicionário? Em quais momentos?

11 - Qual é o resultado?

12 - A escola oferece dicionários quando os alunos não possuem um?

13 - Você sempre leva um dicionário para a sala de aula?

14 - Quando acontece de você ter esquecido o dicionário e os alunos também, o que você faz?

15 - Quando o aluno não entende uma palavra, o que você faz para que ele a compreenda?

16 - Você acha importante o ensino de vocabulário? Por quê? Como se processa esse ensino? Que dificuldades você encontra no ensino de vocabulário?

17 - Você acha que seus alunos conseguem aplicar na produção de textos as palavras aprendidas nas aulas de Língua portuguesa?

18 - O que você considera mais importante ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?

19 - Para você qual deve ser o objetivo das aulas de Língua Portuguesa?

20 - Como você demonstra para o aluno as diversas possibilidades de leitura de uma palavra?

21 - O que você prefere trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?

22 - O que você acha que seus alunos preferem estudar nas aulas de Língua Portuguesa? Em que você se baseia para afirmar isso?

23 - Você percebe que seus alunos incorporam no vocabulário ativo as palavras novas aprendidas nas aulas de Língua Portuguesa?

24 - Quais recursos são utilizados em suas aulas?

25 - O aluno demonstra interesse em aprender palavras novas? Como você nota isso?

26 - Conte alguma experiência que você teve nesse aspecto e considera interessante ser destacada.

27 - Por que considerou interessante a experiência? Ou – Por que você considera que não teve nada interessante?

28 - Como você gostaria de trabalhar as aulas de leitura e, conseqüentemente, as de vocabulário? Por que não ocorrem dessa forma?

ANEXO IV - FICHA DO PROFESSOR

Nome:

Escola:

Naturalidade:

Data de nascimento:

1 - Há quanto tempo mora em Corumbá?

2 - Onde você estudou?

Ensino Fundamental:

Ensino Médio:

Ensino Superior:

Especialização em Língua Portuguesa:

Mestrado:-

3 - Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa?

4 - Por que decidiu ser professor de Língua Portuguesa?

5 - Você gosta de ser professor de Língua Portuguesa? Por quê?

6 – Em quais momentos se sente gratificado com a sua profissão?

7 - Você já participou de cursos de capacitação para o ensino de Língua Portuguesa? Quais e onde foram?
